



Memórias de
 uma vida
 Procópio Silva Leão



Sarah Gandra



Orientação

Profº. Dr. Rogério Pereira Borges

Revisão

Liza Oliveira Alvarenga

Diagramação

Vinicius Pontes

GANDRA, Sarah. **Memórias de uma vida: Procópio Silva Leão.**
Goiânia: Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC - GO), 2021.

248 pgs. 14x21 cm.

1. Procópio; 2. Cilezia;
3. Capoeirão; 4. Cumari;
5. Festa de Santa Cruz

Esta obra é resultado do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC - GO), orientado pelo professor Dr. Rogério Pereira Borges.

[2021]

Memórias de uma vida

Procópio Silva Leão

Sarah Gandra

Inicialmente, este livro-reportagem era uma homenagem ao meu avô Procópio Silva Leão, que por onde passou, deixou boas memórias e inumeráveis histórias, mas infelizmente, durante o processo de escrita deste livro, minha avó, Cilezia Gonçalves Silva, esposa de Procópio, faleceu. Então eu dedico as próximas páginas aos meus dois avós. Ao casal incrível que foi Dona Cilezia e Seu Procópio.

Índice

Agradecimentos - 6

Introdução - 9

Parte 1

Capítulo 01 - Famílias pioneiras - 15

Capítulo 02 - Bem-vindos a Igarapava! - 25

Capítulo 03 - Eita, boiada! - 37

Capítulo 04 - As (muitas) Marias - 50

Parte 2

Capítulo 05 - Onde é esse lugar? - 58

Capítulo 06 - Haja história para contar! - 78

Capítulo 07 - Os filhos de Antônio - 86

Capítulo 08 - Soltem os foguetes, já vai começar a Festa de Santa Cruz! - 90

Capítulo 09 - Santa Cruz também é casamenteira! - 107

Capítulo 10 - 50? Não! 100!!! Peraí, quem dá mais? Acho que ouvi 200! - 110

Capítulo 11 - Festeiro é o que não falta! - 116

Capítulo 12 - Receitas de família, Huumm, que delícia! - 122

Parte 3

Capítulo 13 - A terra da pimenta! - 143

Capítulo 14 - Conhecendo minha vovó... - 151

Capítulo 15 - Procópio e seu amor por Cumari. E haja amor! - 161

Capítulo 16 - O maior confronto da História! - 174

Capítulo 17 - Meu avô na guerra - 180

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus pais e irmãos que me apoiaram desde do início com a ideia do livro, e principalmente à disposição do meu pai em me contar as histórias de sua infância e sobre meu avô. E em especial a minha mãe e ao Matheus, que toparam na hora, viajar para Cumari comigo. A minha avó Cilezia, que me contou várias histórias ao longo de sua vida, que vão ser descritas aqui. À Tia Maria da Glória, que me ajudou com os telefones, as histórias e as fotos. Um agradecimento especial para a minha avó materna, Noemi Evangelista, que ajudou no processo do livro.

A Maria Ferreira que me deu o pontapé inicial com os relatos e que sempre me socorria quando precisava. Ao João da Galinha que com seu bom humor, me fez dar altas risadas na hora de escrever essa história. A Lidiane e ao Juninho, que me deram bastante aparato quando fui em Cumari. E as suas filhas, Helena e Olívia, que com o jeitinho de criança, mostraram com tanta sinceridade a saudade que têm da festa. Ao

Antônio Neto e a Eliabe, que abriram as portas da Capela de Santa Cruz para registros das fotos. Ao João Silva Neto que me contou as histórias da família Belo. A Graciele Cristina Silva e ao Cílio da Silva Leão, que me ajudaram desde o início para desvendar as histórias do Capoeirão. E ao Cleber Aparecido, responsável pelo “Portal Cumari”, que me enviou diversas fotos que foram digitalizadas de membros da família Silva Leão.

A Maria Emília de Fátima Leão que me ajudou com alguns relatos. A Waldeci e a Waldina da Silva Leão, que me mostraram seu álbum de fotos e contaram as famosas receitas dos doces. Ao Pedro Leão Barbosa e a Cacilda Ferreira da Silva Leão, que tiveram paciência em me falar algumas lendas que foram passadas de geração em geração. A Maria da Inhá, que me ensinou a fazer o requeijão e o famoso doce de leite. Ao Guilherme Aguiar, que mesmo não conhecendo pessoalmente, me ajudou logo de início, me passando algumas fotos de várias Festas de Santa Cruz, e a sua pesquisa informal sobre a geração de festeiros.

Ao Senhor Manoel Agapito, que me recebeu em sua residência e me contou um pouco de sua participação durante a Segunda Guerra Mundial. Tenho que agradecer também ao meu orientador Rogério Borges,

que topou a ideia logo de início, e não só me orientou, mas também me ajudou a desvendar tantas histórias que foram descritas aqui. A Camila e a Alice, minhas melhores amigas e que também me apoiaram nessa jornada e tiveram paciência para me ouvir com áudios gigantescos. E a todos os meus amigos que me aguentaram todos esses meses falando sobre o livro, e agradecer também a todos que de alguma forma contribuíram para que este livro fosse possível.

INTRODUÇÃO

Para começar este livro-reportagem é necessário explicar alguns contextos históricos, situação do Brasil no final do século XIX e, principalmente, a história de uma família muito grande vinda do interior de São Paulo, mais precisamente da cidade de Igarapava. Mas, antes de entrarmos exatamente nesse aspecto, para situar você melhor, meu caro leitor, acredito que é válido lembrar o que estava acontecendo no Brasil naquele período. No século XIX, algumas coisas começaram a sofrer fortes mudanças e o que parecia muito sólido, estava se desmanchando no ar. Começando com Dom Pedro II, que assumiu o trono no ano de 1847. Já no ano de 1850, ele promulgou a Lei Eusébio de Queiroz, que foi responsável por proibir o tráfico de escravos no Brasil. E no dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país. Já a Proclamação da República veio no ano seguinte, 1889, e no meio de tudo isso, mi-

nha família estava embarcando numa longa viagem, até chegar em terras do sudoeste daqui de Goiás.

Mas mesmo assim, é válido ressaltar que essa história possui várias versões, e eu vou tentar contar todas elas. Versões que muitas vezes podem fugir até um pouco da realidade ou não fazerem tanto sentido para alguns. Ou até mesmo que vão além do que os parâmetros da história recobram. Mesmo com tantas versões, tantos pontos de vista diferentes, todas as histórias se cruzam no mesmo ponto e é o que torna toda essa narrativa tão fascinante.

Entrei em contato com alguns familiares da família Silva Leão e Florisbelo, (essa segunda família pertence a João Silva Neto, que foi um dos personagens que me relatou a chegada das famílias ao município de Cumari) e captei algumas memórias. Entretanto, vale lembrar que se trata de um livro-reportagem que está trabalhando com história oral, ou seja, como dito anteriormente, uma mesma história pode estar recheada de versões. Antes de mais nada, é necessário lembrar que a família Silva Leão segundo algumas histórias, veio a surgir com a junção de duas famílias, que ainda destoa em relação a sua verdadeira origem.

Genealogia dos Patriarcas

Família Silva Barbosa

Manoel da Silva Barbosa e Maria Joana de Jesus

Antônio Silva Barbosa (vovô Tonhê)

Manoel Silva Barbosa

João Silva Barbosa

Messias Silva Barbosa

Francisco Silva Barbosa (Chico)

Mozart Silva Barbosa (Zuza)

Zeca Silva Barbosa

Firmino Silva Barbosa

Família Leão

Procópio da Silva Leão e Teodora Leão

Maria Teodora de Jesus (vovó Fia)

Observação: Procópio da Silva Leão e Teodora Leão, tiveram mais filhos, mas a autora não tomou conhecimento do nome dos outros.

Observação 2 : A genealogia foi feita com base na certidão de nascimento de Procópio Silva Leão. É importante mencionar que ele foi registrado pelo pai, Antônio Silva Barbosa.

Genealogia dos Silva Leão

Família Silva Leão

Antônio Silva Barbosa e Maria Teodora de Jesus

Procópio Silva Leão (meu avô)

Alvino Silva Leão

Carmino Silva Leão (Balico)

Valdivino Silva Leão (Valdo)

Antônio Silva Leão (Toim)

Salvino Silva Leão

Carmina Silva Leão (Inhá)

Itelvina Silva Leão

Levina Silva Leão

Minervina Silva Leão (Fiica)

Benedita Silva Leão

Desmembrando os Silva Leão

Filhos de Procópio e Cilezia

Família Leão

Procópio Silva Leão e Cilezia Maria Gonçalves
(Cilezia Gonçalves Silva)

Antônio Carlos Leão

José Carlos Leão

Maria da Glória Gonçalves Leão

Luiz Carlos Leão

PARTE 1

Os Silva Leão

Famílias pioneiras

Os Silva Leão são uma família muito grande e é um dos focos principais deste livro-reportagem. O sobrenome Silva veio do latim, que significa “selva, floresta ou bosque”. A origem do nome possivelmente se deu no século XI, na Torre e Honra de Silva, que é o solar de uma família de nobres do Reino de Leão, uma das mais antigas monarquias ibéricas. Segundo alguns registros, foi usado por imigrantes que chegavam ao país e queriam começar uma vida nova, sem vínculo com o passado na Europa. Muitas vezes, eram os chamados “cristãos novos”, judeus que para fugirem da perseguição da Inquisição da Igreja, convertiam-se à fé católica e adotavam sobrenomes genéri-

cos, referentes a elementos da natureza, como árvores (Oliveira, Carvalho, Pereira) ou paisagens, como regiões costeiras (Costa) ou selvas e bosques (Silva). Já aqui no Brasil, o primeiro Silva a chegar de que se tem registro foi o alfaiate Pedro da Silva, no ano de 1612¹. Atualmente, mais de 5 milhões de brasileiros têm o sobrenome Silva, de acordo com o IBGE, sendo o sobrenome mais utilizado no país.



Os irmãos:
Antônio, Zeca
e João Silva
Barbosa

1 MOTOMURA, Marina. "Por que tem tanto "Silva" no Brasil?". Superinteressante. Mundo Estranho, 18 de abril de 2011.

Os Leão também possuem raízes europeias. É um sobrenome espanhol, associado às “montanhas de Leão”, e à cidade de León, onde se localizava o antigo reino de Leão, na atual Espanha, na região de Castela. A origem do nome da cidade é o termo *legio*, referência a *Legio VII Gemina*, a sétima legião romana responsável por controlar a região onde viviam os ástures e cântabros. Antes de chegar à forma atual, o nome da cidade de León era “Leyone” e “Leyón”. Os primeiros a usar a grafia “de León” foram os filhos de Pedro Ponce de Cabrera com Aldonza Alfonso de León, filha bastarda do rei Afonso IX de Leão (1171-1230) com sua amante Aldonza Martínez de Silva². Vale mencionar que uma das maiores cidades da França é Lyon, que significa leão em francês.

A família que vai ser descrita aqui faz parte da junção desses dois sobrenomes e é um clã tipicamente brasileiro, onde se ouve falar de muitas Marias, Joões, Antônio... E gente de tudo quanto é tipo de jeito, temperamento e estilo de vida. Vissssh... E por falar em Maria, cada um dos filhos de seu Antônio Silva Barbosa (meu bisavô), que é um dos patriarcas dessa grande família, tem uma filha chamada Maria. O único diferente, só que em dose dupla, é Alvino, que

2 TRESPACH, Rodrigo. “Leão, León, de León”. Sobre Nomes. O portal de sobrenomes da Genera.

gostava tanto desse nome “Maria”, que acabou colocando duas filhas com esse nome. E haja Maria viu?!

Por isso, a denominação de Maria da Glória do Procópio, Maria do Valdo, Maria da Inhá, Maria do Balico, Maria do Alvino e Maria José do Alvino, Maria da Bendita, Maria da Levina, Maria do Toinhó, Maria da Tervina e Maria do Salvino... É, realmente o que não faltava nessa família é Maria. Mas isso é prosa pra daqui a pouco. Antes, vamos acompanhar mais de perto a saga desta família até chegar ao interior de Goiás. Essa jornada só pode ser contada se retornarmos no tempo até o final do século XIX, a uma cidade do interior paulista de onde os Silva Barbosa saíram para desbravar outras terras.

Os Silva Leão são filhos de um dos herdeiros de Manoel da Silva Barbosa e de Maria Joana de Jesus. O que se sabe é que cada Silva Barbosa seguiu um caminho diferente, alguns permanecendo em Cumari, outros seguindo para outros cantos. O sobrenome Barbosa, assim como o Silva, faz parte dos 50 sobrenomes mais utilizados no Brasil. Dizem que veio de uma ilustre e antiquíssima linhagem portuguesa e que faz referência a um lugar com muitas barbas de bode ou barbas de velho, que é uma espécie de planta. O nome deriva da Quinta e Honra de Barbosa, na freguesia portuguesa de São Miguel das Rãs. Dom San-

cho Nunes de Barbosa foi uma das primeiras pessoas com esse sobrenome, registrado no ano de 1130³.

Toda essa tradição europeia acabou encontrando novos lugares para se instalar. Vários descendentes dessas famílias se espalharam para fora do Velho Continente, povoando outras terras. E o mais curioso dessa história é que toda essa introdução é para você, caro leitor, compreender que essas duas famílias foram parar em Cumari, interior de Goiás. O que cada ramo familiar procurava, não sei lhe dizer exatamente, mas acredito que estavam em busca de novas terras, ou até mesmo novas oportunidades de vida. Mas uma coisa é certa, um Leão de Formigas se casou com um Silva de Igarapava. Em outras palavras, foram Maria Teodora de Jesus e Antônio Silva Barbosa que se encontraram e se uniram para iniciar uma saga familiar que percorreria gerações. E assim deram origem aos Silva Leão.

3 A ORIGEM DOS 50 SOBRENOMES MAIS COMUNS NO BRASIL. Superinteressante apud Livros Os Sobrenomes Mais Comuns do Brasil, de Claudio Campacci, O Livro dos Nomes, de Regina Obata, e Ensaio Sobre a Intolerância: Inquisição, Marranismo e Antissemitismo, de Lina Gorenstein e Maria Luiza Tucci Carneiro (org.); sites Forebears, Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, Dicionário Aulete Digital, BBC Brasil, Revista de História, Name Your Roots, Heráldica Portuguesa, Instituto Politécnico de Coimbra e Diário de Notícias (Portugal); jornais El País e O Globo; e revista Diadorim (UFRJ).



Antônio Silva
Barbosa e
Maria Teodora
de Jesus. Na
parte de trás:
"Catalão -
Goiáz"





Na primeira foto: Antônio Silva Barbosa com a mãe, Maria Joana de Jesus. Na segunda foto: Antônio Silva e sua esposa, Maria Teodora de Jesus na porta de sua residência no Capoeirão (próximo à cidade de Cumari - GO).



Da esquerda para a
direita: Antônio Silva
Barbosa e seus filhos.



Antônio Silva Barbosa
está ao fundo na imagem,
próximo aos bois à frente
do Carro de Boi.



Recordação
27 de Dezembro 1954

Os irmãos Silva Leão vestindo luto após o falecimento da mãe, Maria Teodora de Jesus. Observa-se que todos estão de barba, chapéu e vestimentas de cor escura. Na parte de trás: "Recordação 27 di Dezembro 1954".



Procópio, de barba longa
e terno escuro por conta
do falecimento da mãe.

Pode se dizer que os Silva Leão formam uma família muito famosa na região sudoeste de Goiás e até hoje grande parte do clã reside na região do Capoeirão ou no município de Cumari, apesar de muitos já terem partido para diversas regiões do Brasil.

Bem-vindos a Igarapava

A cidade de Igarapava é um município localizado no interior do estado de São Paulo, mais precisamente na região da divisa com Minas Gerais. O povoamento ficou conhecido por possuir um clima predominantemente seco e quente, surgiu ainda no período do Brasil Império e acabou se tornando bastante conhecido pelos bandeirantes que, de passagem por lá, estavam a caminho das Minas dos Goyazes e paravam por ali para descansar. Era um caminho com bastante aventuras e recheado de emoções.

A região, antes mesmo de se conceituar como cidade, era composta por terras que haviam sido doadas aos bandeirantes, Bartolomeu Bueno da Silva

(Anhanguera) e João Leite da Silva, no ano de 1720, pelo rei de Portugal na época, Dom João V. Segundo o historiador Jesus Marco de Ataídes em seu livro “Sob o signo da violência”, nesta região os índios caiapós do Sul viviam da horticultura, da caça e da pesca em grandes aldeias⁴. Essa cidade é conhecida até hoje pelas rotas trilhadas por bandeirantes que passavam pelo local. E é aí que você se pergunta o porquê dessa contextualização dessa cidade no interior de São Paulo. Mas calma aí, que a explicação virá mais adiante.

A Rota da Bandeirantes é muito famosa para a historiografia brasileira, e pode ser considerada um dos caminhos que a família Silva Barbosa fez até chegar à região do sudoeste do estado de Goiás. O caminho tem aproximadamente 180 quilômetros de estrada, passando pelas cidades de Santana do Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Araçariçuama, Cabreúva, Itu e Porto Feliz, todos no Estado de São Paulo. E o mais curioso é que a maioria dos povoados tem nome indígena, mostrando que os povos originais eram numerosos nos séculos XVI e XVII, quando este acesso ao interior começou a ser aberto⁵.

4 MARCONDES. Javã Isvi Pinheiro. O PROBLEMA DA DEFESA DO TERRITÓRIO NA CAPITANIA DE GOIÁS NO SÉCULO XVIII. 2011

5 DONDA. Clarissa. Onde ando por aí. Roteiro dos Bandeirantes: conhecendo as entradas que criaram o Brasil de hoje, 2011.

A rota principal e original passa hoje através da Estrada dos Romeiros (SP 312) ou também pela SP-280 – Rodovia Castello Branco (São Paulo-Avaré/Divisa de MS), SP-079 – Rodovia Convenção Republicana (Itu-Salto), SP-113 – Rodovia Doutor João José Rodrigues (Tietê-Rafard), SP-127 – Rodovia Piracicaba/Tietê/Itapetininga, SP-300 – Rodovia Marechal Rondon (Jundiáí-Itu-Porto Feliz-Tietê), SP-308 – Rodovia do Açúcar (Salto-Piracicaba)⁶.

Os bandeirantes seguiram trilhas diferentes por todo o Brasil, e iam adentrando os estados. Os que foram para Goiás, seguiram pelo “Caminho dos Goiazes”, como era denominado na época. Eles saíam de São Paulo, passavam pelo atual Triângulo Mineiro, onde estão cidades como Uberlândia, Uberaba, Araguari, Araxá, Frutal e Ituiutaba. Assim que adentravam em Goiás, passavam pelas proximidades de onde hoje estão Catalão, Santa Cruz de Goiás, até chegarem às minas da Serra Dourada, onde foram fundados os primeiros arraiais goianos, entre os quais a atual cidade de Goiás. Essa rota permaneceu durante o tempo como uma trilha de comunicação entre Goiás e demais regiões do Brasil e foi por ela - ou por um dos acessos que se abriram ao seu redor - que a família Silva Leão chegou à região onde hoje é Cumari.

6 (DONDA, 2011) Clarissa. Roteiro dos Bandeirantes:conhecendo as estradas que criaram o Brasil de hoje. Donde ando por aí. 2011.

De fato, Maria Joana e Manoel formaram um casal de pioneiros. Eles vieram com seus oito filhos de Igarapava (São Paulo) até o estado de Goiás. Infelizmente não existe nenhuma foto do casal junto, mas Dona Maria Joana possui um único registro ainda guardado com seus descendentes, onde está ao lado de um dos filhos e cercada de pessoas. Na foto, é possível perceber que é uma mulher baixa, de cor parda, e com um vestido longo de cor escura que vai até os tornozelos, sem contar que também usava um pano que encobria completamente os cabelos. As mulheres que viveram no final do século XIX tinham como costume usar roupas que cobriam quase todo o corpo como sinal de respeito aos costumes da época, e como se pode ver, Maria Joana seguia fielmente as tradições mesmo depois de viúva.

A mulher que usa vestimentas escuras e véu sobre os cabelos é Maria Teodora; já Antônio Silva Barbosa a está abraçando. As outras pessoas não são conhecidas da autora.



Já de Manoel Silva, não foi possível encontrar nenhum retrato, mas de acordo com registros fotográficos de como os homens se vestiam naquela época, possivelmente usava barba e bigode, camisas de manga longa, calça bem passada e, com toda certeza, cinto.

Segundo Maria Ferreira, uma das bisnetas daquele casal pioneiro e integrante atual do clã Silva Leão, que só nasceu em Goiás por conta da coragem de seus antepassados que se aventuraram por um sertão ainda muito inóspito naquele final de século XIX, é mais conhecida por Maria do Valdo (um dos netos dos pioneiros), tem pele branca, cabelos castanhos escuros, e um pouco grisalhos.

Ela conta que uma família enorme saiu da cidade de Igarapava, que se localiza no interior de São Paulo, em carro de boi. E aí a gente vai e imagina: quantos carros de boi será que foram necessários pra esse povo todo vir pra cá? Quanta gente havia nessa viagem? O que será que eles enfrentaram até chegarem a Cumari? Ela não sabe quanto tempo eles demoraram na estrada adentro, apenas que a viagem foi longa e que seus antepassados iam parando em diversos pontos, até conseguir encontrar um lugar para se fixarem. Mas pode-se imaginar que foi uma viagem cansativa, com muitas dificuldades, e de fato, sem rumo certo.

Você se lembra daquela terra de bandeirantes mencionada lá no início? Pois é, eu falei que valia a pena esperar... Então, esse é o município de Igarapava. Possivelmente, as condições que esse pessoal enfrentava nesse caminho não eram nada fáceis, pois numa viagem longa como essa e com tanta gente, com toda certeza acontecia de tudo, viu?!

Mas de fato o que poderia acontecer? Como será que era para realizar a travessia do rio? Será que tinha ponte? E as estradas? De chão ou já eram asfaltadas? Certamente não tinha pavimentação. Não sei se você sabe, mas a primeira estrada pavimentada do Brasil foi no ano de 1928, quando uma rodovia foi construída com a intenção de ligar o Rio de Janeiro a Petrópolis. E assim foi inaugurada pelo Presidente da República da época, Washington Luís. Esse trecho hoje faz parte da BR-040, que liga o Rio de Janeiro a Belo Horizonte⁷. Já a verdadeira explosão do desenvolvimento rodoviário aconteceu somente nas décadas de 1940 e 1950, o que comprova que realmente, no caminho de vinda de meus ancestrais para a recém Cumari, era apenas estrada de chão.

Mas e as doenças? Quais eram as epidemias que rondavam o Brasil no final do século XIX? Nessa faixa

7 LESSA, Daniele. Especial Rodovias -As primeiras estradas brasileiras. Rádio Câmara, Brasília.

de tempo, a febre amarela e a malária eram os grandes problemas de saúde pública, e elas não poupavam as zonas do interior. E a expectativa de vida do brasileiro não chegava nem a 40 anos⁸. Para se ter uma ideia, atualmente a expectativa é de 75 anos. E até o nível de mortalidade infantil era muito maior no Brasil naquela época, ultrapassando a marca dos 100 óbitos a cada mil nascimentos, atualmente nem chega a 15 por mil. E é aí que você pensa: com níveis de expectativa de vida tão baixos, em viagens tão longas e com tantas dificuldades como essa, esse pessoal teve mais problemas do que a gente pode imaginar.

Assim como você, leitor, eu também me fiz uma série de questionamentos quando escrevi este livro, e de fato algumas coisas me deixaram mais intrigadas do que o normal, e muitas perguntas ainda permanecem sem respostas. Mas o que posso dizer é que mesmo com tantos obstáculos e o caminho estreito que enfrentaram, esse pessoal conseguiu chegar a algum destino, ou a vários. Destino o qual não sei se era realmente o esperado, mas que escolheram para firmar moradia e construir suas famílias.

Conta-se a história sobre a chegada de meu bisavô ao município de Cumari, e mesmo sendo um re-

8 OLIVEIRA. Nielmar de. Agência Brasil. IBGE: expectativa de vida dos brasileiros aumentou mais de 40 anos em 11 décadas. Agência Brasil, 2016.

lato com tantas versões distintas, todas elas cruzam no mesmo ponto. Antônio Silva Barbosa é um homem com estatura mediana, bigodudo e gordo. Tinha cabelos esbranquiçados e vivia sempre com uma faca na cintura. E mesmo com o passar do tempo e o avanço da idade, ainda tinha uma cabeça muito boa e era muito bom de conversa, um verdadeiro piadista. Mas não se enganem, não era qualquer um que conseguia ter um papo com seu Antônio não.

O famoso patriarca, para os netos, vovô Tonhê, chegava às vezes a até ser meio sisudo e bravo, para manter sempre a postura de chefe de família. Tinha um engenho, onde produzia pinga e algumas outras coisas afins derivadas do açúcar, como a moça branca, rapadura, açúcar mascavo e o açúcar cristal. O engenho costuma ser montado em uma grande propriedade produtora de açúcar, com basicamente dois setores: o agrícola, que é formado pelo canavial, e o beneficiamento, que é a casa de engenho, onde a cana-de-açúcar é transformada em aguardente.



Na primeira foto: um engenho mais antigo. Na segunda foto: engenho que foi de Carmindo Silva Leão (Balico) filho de Antônio e irmão de Procópio, o engenho representado na foto se assemelha com o que era de Antônio Silva Barbosa.



De acordo com os registros históricos, os engenhos mais antigos, ainda dos tempos da escravidão, costumavam ter várias construções, como a casa-grande, moradia do senhor e de sua família, e a senzala, a habitação dos escravos, além de uma capela e da casa de engenho em si. Mas nas terras de domínio do vovô Tonhê, não existia senzala, até porque a escravidão no Brasil tinha chegado ao seu fim no ano de 1888. Nunca existiu senzala no Capoeirão.

Com essas divisões, havia o local que era destinado ao preparo do açúcar, que era a moenda. Pelo nome você já imagina o que se fazia ali, não é mesmo? Se pensou que era o espaço onde a cana era moída, acertou em cheio! Moía-se a cana para a extração do caldo e, conseqüentemente, para a produção da garrapa, o caldo-de-cana. As fornalhas eram onde o caldo da cana era fervido e conseqüentemente purificado em tachos de cobre. Já a casa de purgar era onde o açúcar era branqueado e separado do mascavo, que é o mais escuro. Em seguida, era colocado para secar. Com o produto pronto, o açúcar era pesado e colocado em caixas para ser vendido.

Acredita-se que foi assim que Antônio Silva foi construindo seu pequeno império de açúcar. Homem de temperamento forte e com personalidade marcante, não nega as origens do nome. Trabalhou muito du-

rante a vida. Foi casado com Maria Teodora de Jesus, apelidada de vovó Fia, por conta do costume que ela tinha de fiar. Após sua esposa falecer, no ano de 1954, dizem que Antônio ficou “pulando” de casa em casa, cada temporada com um filho diferente. Com o avanço da idade, e o cansaço de ter trabalhado a vida toda, passou grande parte do fim da sua jornada sentado num banquinho admirando o tempo.

E mesmo sendo conhecido por esse temperamento considerado um pouco difícil de conviver, tinha um coração enorme, sempre com um lugar especial para cada filho. Valdivino, um de seus filhos, foi morar com ele, mas acabaram se desentendendo, o que fez o viúvo ir para a casa de sua outra filha, a Levina, a quitandeira da família. Dona Levina morava na cidade de Cumari, e quando o pai vivia com ela, ficava na porta da casa o dia todo, em seu banquinho, conversando com quem passava, onde acabou fazendo muitas amizades. E você pensa que os desentendimentos acabam por aí? É aí que você se engana. Antônio Silva também se desentendeu com sua filha Levina. Dizem que ele gostava de conversar com as moças amigas de Levina e ela não apreciava nem um pouco essa ideia. Ele era um homem com bastante posses na cidade de Cumari e ela tinha medo que essas mulheres tentassem se aproveitar do pai. Esse medo acabou gerando

uma baita briga, o que provocou o retorno de Antônio para a casa de Valdo. E dessa vez, o homem sisudo deu ordem para que o filho buscasse todas as suas coisas, deixando claro que não voltaria para a casa de Levinda. Já com a velhice chegando, acabou não tendo hábitos muito higiênicos. Dizem até que ele ficava um bom tempo sem tomar um banho. Shiiiiii, não deve ter ficado um cheiro bom na residência que ele vivia, não é?

O grande patriarca morou na casa com o filho até o dia de sua morte, em 23 de março de 1968. Ele morreu dois meses depois de meu avô Procópio, seu filho, ter se mudado para a capital do Estado, Goiânia, em 1968. Dizem que Antônio não queria que o filho se mudasse e que faleceu por sentir sua falta. Dona Maria do Valdo, que morava com o vovô Tonhê na época, contou que buscaram um médico para atendê-lo no Capoeirão. Segundo o diagnóstico, o coração do patriarca não tinha nenhuma doença específica, mas já estava bastante cansado por conta da idade.

CAPÍTULO 03

Eita, boiada!

Cada família pioneira na cidade de Cumari é representada de alguma forma, e com os Silva Leão não é diferente. Eles são retratados pelos Carro de Boi, que apesar de serem rústicos, pesados e até vagarosos, era um mecanismo bastante seguro e resistente. Mas se você pensa que todo carro de boi é igual, é aí que você se engana! No Brasil existem vários tipos, que se diferenciam de acordo com as regiões e até mesmo em relação ao número de rodas e à estrutura. Ao longo da história da humanidade, desde as primeiras civilizações, os carros de bois são ferramentas indispensáveis na lavoura, lavragem da terra, e até no auxílio de transportes de materiais pesados.



Carro de Boi
de Carmindo
Silva Leão
(Balico),
irmão de
Procópio.

De acordo com registros históricos, eles foram trazidos pelos portugueses, e acabaram se tornando o primeiro veículo que rodou no período colonial, sendo utilizados até na Guerra do Paraguai transportando armas, petrechos, munições, alimentos e transformando-se às vezes em ambulâncias improvisadas

para doentes e feridos nas batalhas⁹. Eles eram responsáveis por conduzir do litoral para os povoados as mercadorias que vinham do mar, onde carregavam para os portos de embarque toras de pau-brasil e as caixas de açúcar. E por conta disso, é praticamente impossível falar de cultura canavieira no Brasil e ficar sem associar com os carros de boi, pois eles levavam as canas dos canaviais para os picadeiros dos engenhos e para as moendas.

O outro ramo da família, os Leão, que se uniria aos Silva vindos de Igarapava, saiu de uma cidade mineira chamada Formigas. Procópio da Silva Leão e Teodora Leão vieram com Maria Teodora de Jesus, para a pequena Cumari. E o que se sabe do surgimento de Formigas, de acordo com a Prefeitura local, divide-se em duas versões que são a base para diversos estudos sobre a história da cidade. A primeira conta que o município começou em 1675, com a bandeira de Diogo Castanho, mas apenas em 1723 que Diogo Bueno, outro bandeirante, adentrou na região para descobrir e povoar o Sertão do Rio Grande e Capivari. Mas infelizmente, essa história se perde pela falta de documentos e registros¹⁰.

9 BOTELHO. Janaína. Carro de boi: o velho e fiel companheiro de trabalho. A voz da serra, 2019.

10 A HISTÓRIA DE FORMIGA. Prefeitura de Formiga, 2014.

Outra versão bastante famosa está ligada a uma certa lenda que tem origem no senso comum. Afirma-se que os tropeiros que transitavam na região durante o ciclo da cana-de-açúcar, carregavam seus imensos fardos e pousavam quase sempre às margens do rio que hoje corta a cidade. Certa vez, um dos carregamentos foi atacado por “correições” de formigas e os tropeiros tiveram enorme prejuízo. A partir de então, o local foi denominado de Rio das Formigas, para que os viajantes que ali passavam a noite, tomassem precauções contra os possíveis ataques dos insetos.

Histórias tão diferentes, trajetórias que começaram em pontos tão distantes de si, vieram desaguar no mesmo rio - ou pelo menos em suas proximidades. Tanto a família Silva, de São Paulo, quanto a família Leão, de Minas, elegeram a região sudoeste de Goiás para fincar suas raízes, bem perto da divisa entre o Estado e o Triângulo Mineiro, delimitada pelo Rio Paranaíba. Um dos primeiros pousos da antiga rota dos bandeirantes já em território goiano fica nas vizinhanças de Catalão, principal centro urbano da região para onde acabaram vindo os Silva e os Leão.

Catalão é uma das cidades mais antigas e tradicionais de Goiás, mas não se sabe ao certo há quanto tempo começou a ocupação humana nas terras do município. O que se tem conhecimento sobre a região,

é que se era habitada por dois grupos de indígenas no início do século XVIII: nas áreas atualmente correspondentes aos distritos de Catalão e Pires Belo, habitavam os Caiapó, muito provavelmente os mesmos que são hoje conhecidos como Panará e que atualmente habitam o Mato Grosso¹¹. Esses indígenas eram seminômades e é de se supor que conheciam a agricultura da abóbora, mandioca, milho e amendoim, pelo menos.

Não muito longe dali, fica Goiandira, que por alguns anos foi a sede do distrito onde as duas famílias iriam se encontrar. O município que fica a pouco mais de 12 km da pequena Cumari, já foi habitado pela tribo dos Caiapós, que hoje é conhecida por Panarás. Por volta de 1800, Tomás Garcia, vindo de Minas Gerais, tomou posse de vasta extensão de terras que compunham a sesmaria de Campo Limpo, dividindo metade das propriedades de Jerônimo Teixeira, ao preço de cem réis o alqueire, segundo informa a história oficial da cidade¹².

Juntos, esses dois “conquistadores”, os tropeiros e carreiros foram os grandes responsáveis por devasar a região. E isso só aconteceu com a chegada de várias famílias, no século XIX, à procura de terras me-

11 Sobre a cidade. Portal Goiás, 2019.

12 História. Prefeitura de Goiandira, 2017.

lhores. O que se sabe é que eles viriam a se tornar os grandes pioneiros a formarem o distrito de Goiandira. Conforme registros historiográficos, a sede se levantou em um terreno argiloso, e, por conta disso, passou a se chamar de “Terra Branca”.

Até aí o povoado de Campo Limpo crescia lentamente, mas com a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro, houve grande impulso econômico para o local. Por volta de 1913, foi erguida a estação férrea na Fazenda Campo Limpo, que recebeu o nome de Goiandira por determinação do engenheiro da ferrovia, na linha Araguari-Goiandira, da Estrada Férrea Goiaz. Catalão e Goiandira¹³ têm uma vizinha, esta sim a cidade que marca o ponto de encontro entre os Silva e os Leão.

Já Cumari é um pequeno município, que se localiza na região Sul do estado de Goiás. É uma cidadezinha com algumas ruas com paralelepípedo, mas toda asfaltada. Na época do frio, ishshhhhh, não há cobertor que esquente. É daquelas cidades típicas do interior, onde todo mundo é primo, vizinho ou primo do primo do primo; onde todos se conhecem. E se tem um carro estranho passando na rua, uma pessoa diferente caminhando na praça, na certa é alguém

13 História. Prefeitura de Goiandira, 2017.

visitando um parente ou alguém que está apenas de passagem.

Município tranquilo que só vendo, onde apenas se ouve os barulhos de galinha anunciando que tem ovo novo no ninho, das casas com seus ruídos domésticos do dia a dia, e nem sequer se escuta uma única buzina que tanto empesteia o ar de cidade grande. Logo na entrada, a primeira coisa que se vê é um Cristo Redentor. Isso mesmo que você leu. Um Cristo Redentor de braços abertos no meio do sudeste de Goiás. Mesmo não sendo a famosa capital carioca, a pequena Cumari tem um Cristo logo na entrada. Quem diria, viu?

Cristo Redentor
de braços abertos
na entrada do
município de
Cumari -GO



O que se sabe é que a cidade surgiu antes mesmo de ter surgido. Calma, que eu já explico. É que ela já ia se formando com a chegada de diversas famílias, de diferentes regiões, ao local mesmo antes de se tornar uma cidade para valer. E é aí que entra a história da família de tantas origens e andanças, que saíram da Europa e vieram penetrando pelo interior do Brasil.

Sobretudo os membros do clã dos Silva foram os grandes responsáveis pelo início desse pequeno município. Em uma parte mais específica da cidade, denominada como Capoeirão, a associação com os Leão foi imprescindível. Também há outros sobrenomes de importância, como os Lourenço, Evangelista da Rocha, Agapito, Abrão e Naves. E reza uma lenda que existia uma certa rivalidade entre duas famílias fundadoras de Cumari. Os Silva Leão e os Evangelista da Rocha.

Os painéis que ficam na Estação Ferroviária de Cumari foram feitos no ano de 2003, durante o governo de Antônio Ferreira Leão (filho de Valdo, e sobrinho de Procópio), que ficou à frente da prefeitura da cidade durante três mandatos. Antônio Ferreira tem o mesmo nome do avô e é conhecido pelos integrantes da família como “Antoinzinho” ou por “Dr. Antônio”, por ter sido o único neto de Antônio Silva Barbosa, que cursou Medicina. Antoinzinho não se recorda com certeza do nome do autor responsável pelos

painéis feitos na Estação da Cidade, mas ele acha que possivelmente foi o senhor Cleuzadir (esse homem, porém, não tem muitas referências na cidade; ninguém se lembra de um artista plástico com tal nome). Obviamente, com o passar dos anos, as obras ficaram desgastadas e com os mandatos seguintes foram restauradas, mas sempre mantendo o desenho original.

O painel dos Lourenço está sendo representado por um engenho, plantação de cana-de-açúcar e por dois trabalhadores rurais, sendo que um deles está posto em carro de boi. Já no painel dos Evangelista da Rocha há um homem e uma mulher ao centro, rodeados de vacas e uma casa ao fundo, com um lago na lateral. Os Agapito são simbolizados por um casal de idosos se olhando no banco da praça central, enquanto ao fundo aparece a imagem da Igreja de São João Batista, em Cumari. A família Silva Leão é reproduzida por uma bela paisagem de ipês e outras árvores ao fundo; já no primeiro plano são mostrados carros de boi com vários animais, além de um cachorro observando os bovinos passarem. A família Abrão é retratada nas ruas de Cumari por uma árvore de folhas rosadas e um homem montado num cavalo. Os Naves têm paisagens diversas em seu painel, com árvores, gado e uma casa ao fundo.

No primeiro momento, Cumari pertencia à cidade de Goiandira e demorou alguns anos para sua

Painéis na estação ferroviária da cidade de Cumari: Famílias Lourenço, Evangelista da Rocha, Agapito e Silva Leão. Ao lado, a família Abraão e Naves



Detalhe do painel da família Silva Leão.



emancipação. O município foi conquistando desde cedo os corações de quem passava pelo local, pois foi ali que muitas famílias se encantaram pela região e resolveram fixar moradia. Como afirmado por Idelmar Paiva em seu livro “Cumari – Vagões de Memórias”, a cidade se manteve ligada a Catalão até o ano de 1931, que foi quando Goiandira se emancipou e levou dois distritos consigo, Anhanguera e Cumari. Somente mais de 15 anos depois, a cidade de Cumari conseguiu sua emancipação, no dia 10 de dezembro de 1947, e, em 1948, Heitor da Costa Val, tornou-se o primeiro prefeito da cidade¹⁴.

Ao longo dos anos, a pequena Cumari passou a fazer parte da linha para a estrada de ferro, e ficou bastante famosa no Estado de Goiás na década de 1950, por estar se desenvolvendo rápido. Um progresso que se deve à estrada de ferro que cortava a cidade. E não só a cidade viu isso acontecer, já que a linha do trem passava pela região do Capoeirão, o reduto maior dos Silva Leão na região, mantendo-se até hoje lá, só que já sem as locomotivas e os vagões, inativa. Os moradores até falam que quando chegava um trem novo na estação, ia todo mundo correndo para ver quem eram os novos passantes. “O povo bonito vindo de fora”.

14 PAIVA, Idelmar. Cumari. Vagões de memória. “A emancipação de Cumari”, p. 33. 1º edição. 2010.



Parte de trás da estação ferroviária de Cumari, que faz conjunto com a praça.



Parte da frente da estação ferroviária de Cumari.



Na primeira foto:
portas da estação
ferroviária. Na
segunda foto:
estação registrada
por um de seus
lados. Ao fundo
são vistos alguns
equipamentos
para realizar
atividades de
musculação.

As (muitas) Marias

Quem veio de fora lá no início de tudo foram exatamente os Silva e os Leão. Apenas os Silva Barbosa tinham uma matriarca com o nome de Maria, mas Dona Teodora, matriarca dos Leão, deu o nome de Maria para uma de suas filhas, exatamente aquela que seria homenageada por seus filhos, cada qual colocando pelo menos o nome de uma de suas filhas também de Maria, em alusão à mãe. Os Silva Leão, após as duas famílias se unirem, eram compostos pelo meu avô Procópio, e seus irmãos e irmãs: Antônio (Toim), Alvino, Carmindo, Valdivino (Valdo), Salvino, Carminha (Inhá), Itelvina, Levinda, Minervina (Fiica) e Benedita (Bendita), essa última filha, é apenas de Antônio.

Os homens eram magros e possuíam uma altura mediana, nem muito alta, nem muito baixa. Já as mulheres eram um pouco mais baixinhas. Mas tirando a altura, todos se pareciam no modo de olhar, e de se vestir. Os olhos pretos e castanho escuros. Pelas fotos que sobreviveram daqueles tempos passados, há quem possa imaginar que fossem um pouco “sisudos”, mas na realidade aquele jeito era apenas a forma de se portarem no início do século passado. Levando em conta que esse livro é recheado de histórias orais, o que se conta de cada Silva Leão é que mesmo cada um possuindo um “jeitão diferente”, todos tinham uma personalidade marcante.

A cor parda, os cabelos escuros, o modo de se vestir de forma respeitosa, segue os padrões exigidos por uma família importante que vivia no interior do estado de Goiás, o que acaba se tornando elementos que ajudam a compor um quadro um pouco mais próximo de quem foram aquelas pessoas. Os homens usavam calça passada a ferro, deixando uma marca na quina (o que demonstra capricho), camisas de manga longa de cor clara (talvez para aguentar o calorão dos campos do Centro-Oeste) e um cinto muito bem afivelado. Já as mulheres usavam vestido com manga e saia abaixo do joelho (olha o recato!), o que representa uma forma de respeito naquele tempo, demonstrando que primavam pela boa aparência.

O nome “Maria” é um nome popular no Brasil, já que para os católicos é uma forma de homenagear Nossa Senhora, mãe de Jesus. E cá entre nós, o que não falta nessa família é a fé. Maria, que tem origem no hebraico, no nome Miriam, significa “senhora soberana”¹⁵. E acabou sendo escolhido para batizar muitas mulheres nessa família.

Cada Maria tem seu jeito de ser e encantar. A Maria da Glória, ou conhecida também como a Maria do Procópio, minha tia, é uma das Marias mais jovens e é uma mulher animada, que gosta de conversar, fazer quitandas e reunir toda a família. Viveu a vida trabalhando na venda de quitandas, doces e salgados. Dedicou-se a cuidar de seus pais na velhice e foi como uma espécie de cuidadora (sem formação, é claro) de sua mãe, minha avó.

Já a Maria da Inhá é mais conhecida por alguns como a Maria do Déca (Déca é seu pai, que ficou famoso na cidade de Cumari por ser um homem bastante pão-duro) contam que seu pai tinha o costume de esconder dinheiro dentro do colchão. Para alguns, Maria da Inhá é uma mulher forte, mas bastante sistemática. Quando a conheci, não vi nada do que tanto comentam sobre ela. É uma Maria alegre, de bem com

15 Significado do nome Maria. Dicionário de nomes próprios.

a vida e bastante animada. Fica horas e horas fazendo delícias para vender sob encomenda pela região de Cumari. Entre suas especialidades estão requeijão, queijo fresco e doce de leite. Nossa, faz um requeijão como ninguém. Dá até água na boca só de lembrar.

A Maria da Levina, apelidada de Zulica, não negava suas heranças sanguíneas. Assim como sua mãe (Levina), foi uma doceira de mão cheia, passando esse talento para a filha, Nairdes Silva Leão, que o transmitiu à neta Janaina Silva Leão. Ela era famosa por ser quitandeira, fazer diversos doces, biscoitos e muitas iguarias. Não cheguei a conhecer Dona Zulica, mas sua filha, Nairdes, que é minha tia, cozinha cada trem gostoso, que só de pensar... Aaaaaaah, que delícia! Dona Zulica e Levina foram cozinheiras famosas em sua família.

Já Maria do Salvino é a madrinha do meu pai, uma pessoa bacana, e que se casou jovem, mudando-se logo de Cumari, não consegui tantas memórias sobre ela. A Maria da Josefina (Zefina), a maioria das pessoas não teve tanto contato, pois ela foi embora com sua família para Trindade por conta de uma briga na família, que é considerado um verdadeiro tabu para os Silva Leão.

A Maria do Valdo foi a responsável por contar a primeira versão, lembra? Então, essa Maria tem um

coração gigante e que conquista todos com apenas um sorriso. É uma mulher forte e que exala simpatia. Ela é uma das Marias mais velha e vamos combinar, cá entre nós, que ela pode ser considerada a matriarca das Marias. A Maria do Valdo tem um sorriso que cativa qualquer pessoa que se aproxima. Casou-se jovem, depois de 4 anos de namoro com o famoso João da Galinha, que foi com quem teve seus dois filhos, Lidiane e Flávio. De acordo com algumas histórias, João ganhou esse apelido, porque desde criança ajudava na venda de galinhas. Ele cresceu, mas o apelido da infância acabou pegando. Maria conta que ela e João se conheceram em uma festa do tio Toim, e ambos por culpa da amiga, Jerónima. A jovem, enciumada da aproximação de Maria com o namorado, colocou João para bater um papo com ela.

De primeira, ela falou que ficou morta de vergonha e não tinha intenção de aproximação, até porque já tinha um namorado naquela época. O tempo foi passando, e eles foram se encontrando em mais bailes pela região, onde o romance começou a acontecer. Ela fala que quando conheceu o amado, ele já tinha esse apelido e até brinca sobre a verdadeira origem do apelido do marido. Maria e João, ou João e Maria são um casal simples que vive de bem com a vida. Ela é uma das netas de Antônio Silva Barbosa e filha de

Valdivino e Dona Maria (Neném). O pai tinha o apelido de Valdo, e justamente por existir várias Marias em sua família, passou a ser conhecida por Maria do Valdo. Nascida no município de Cumari- GO, passou parte de sua infância morando na casa com seus avós. Já sobre as duas Marias do Alvino, não há muitas informações a respeito.

Infelizmente nem todas as Marias estão vivas para poderem contar alguma história engraçada ou fazer algum relato, mas mesmo assim, é importante dizer que sem essas Marias, essa família não teria seu jeitinho especial de ser. E se você ficou com um gostinho de “quero mais”, vai ter que seguir adiante com a leitura para entender melhor sobre essas Marias, que acabaram se tornando um grande alicerce para suas famílias.

Todas essas Marias viveram num lugar que se tornou reduto dos Silva Leão. Nos dias atuais, apenas a Maria do Valdo permanece nesse local, morando com seu esposo. E mesmo com esse tanto de Maria na família, a tradição não seguiu para suas filhas, pois, afinal, não há nenhuma neta de Maria Teodora de Jesus e Antônio Silva Barbosa com este nome. O mesmo ocorre com o nome João, que também não seguiu para as gerações seguintes. Ao contrário dos Antônio. Antônio Carlos Leão, o filho do Procópio, colocou em

seu filho o próprio nome, Antônio Carlos Leão Filho, seguindo a tradição. Seja com que nome for, os Silva Leão estabeleceram-se nesse local onde os pioneiros do clã chegaram e se assentaram. E mesmo com grande parte da família já tendo se mudado desse ponto central da história, todos possuem uma ligação muito forte com a região. É o Capoeirão.

PARTE 2

Capoeirão

Onde é esse lugar?

João Silva Neto ou Joãozinho para os mais próximos, começou a desenrolar uma versão que se parece bastante com a de Maria do Valdo, e ao mesmo tempo se distancia, pois envolve a história de outra família, a família Florisbelo. Ele é um homem falante, grisalho, sorridente, forte, robusto e com o olhar marcado pelo tempo. Conta que as famílias Silva Barbosa e Belo chegaram juntas à região do Capoeirão e que por serem duas famílias muito grandes, iam vindo aos poucos, durante meses, mas também não sabe ao certo quanto tempo essa longa viagem de carro de boi durou, só a certeza que cada uma acabou pegando um rumo distinto. João diz que de início as coisas eram bem di-

ferentes. Há de se pensar que os patriarcas chegaram numa grande mata fechada e começaram a desmatar. Mas afinal, que viagem longa foi essa e quanto tempo demoraram pra chegar? E o desconforto? Ficava todo mundo junto durante todo esse tempo? E pra dormir? Comer? É, realmente foi uma verdadeira aventura, daquelas que se assemelham com as histórias contadas nos livros de ficção.

A família saiu de seu ponto inicial, atravessou os extensos e caudalosos rios Grande e Paranaíba, o primeiro separando São Paulo e Minas Gerais, o segundo sendo reconhecido como uma grande faixa de água que nasce no estado de Minas Gerais. Os dois, em determinado momento, se encontram e continuam e seguindo seu curso adiante. Algo como os destinos das pessoas que se encontravam com outros pelos caminhos em viagens por trilhas que nem estradas eram, em busca de um destino, de uma foz onde possam se encontrar.

E a partir daí surgiu o nome que é tão falado até os dias atuais: a região do Capoeirão. Quando se denomina algo por esse nome, se espera que seja uma região com bastante mato, sem sementes, apenas capoeira. Mas no caso do Capoeirão é um pouco diferente...

A Capoeira é um tipo de vegetação composta por gramíneas e arbustos, que crescem após a derrubada da vegetação original, que foi o que aconteceu na re-

gião próxima à cidade de Cumari. O termo tem origem do tupi, e significa que um tipo de mato nasceu no lugar de vegetação cortada¹⁶. O “Capoeirão”, como chamam, é um lugar com muito mais variedades de vegetação do que o próprio nome leva a pensar. Quando visitei o local, pude perceber os mais diversos tipos de árvores e plantações. Há desde pequenos até grandes coqueiros, cactos que foram plantados há mais de 50 anos, arbustos, flores, e árvores com todo tipo de fruto e aspecto. Cacau, cajá-manga, banana e maracujá são apenas algumas das frutas que tomam as fazendas do Capoeirão.

Estrada que
leva ao
Capoeirão



16 RIZZI. C.A. Investigações sobre a construção do fitônio Capoeira: aspectos do campo léxico-semântico e geolinguística indígenas. Volume 19, p. 214-247, 2012. SALOMÃO. R.P. Vieira. I.C. Brienza Júnior. S. AMARAL. D.D. SANTANA, A.C. Sistema Capoeira Classe: uma proposta de sistema de classificação de estágios. sucessionais de florestas secundárias para o Estado do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais, Belém, Volume 7. n 3, p. 297-317, 2012



Na primeira foto: pé
de cacau. Na segunda
foto: cacto com
flores cor de rosa.
E na terceira foto:
laranjeira.



Na primeira foto:
figueira. Na segunda
foto: bananeiras. E
na terceira foto:
amora colhida no
Capoeirão.

Quando as terras estavam na mão de seu Antônio, tudo se denominava de Capoeirão, mas quando ele foi dividido para seus filhos, cada um colocou no seu pedaço de terra, um nome diferente, mas é claro, não deixando de ser o grande Capoeirão. A fazenda do Valdo, chamava-se Atoleiro, a do Alvinho, Fortalezano, do Toim é Quatiguá e a do Balico, Rato. Os motivos dos nomes em si são desconhecidos até pelos próprios filhos que herdaram as terras. Mas mesmo com as coisas tendo mudado um pouco, as fazendas continuam com os netos dos patriarcas, sendo que a maioria manteve o nome das terras que os pais deram. A da Maria do Valdo se chama Santa Maria e as do Pedro e da Cacilda: Atoleiro e É o amor.

A região em sua totalidade, o conjunto de fazendas em si, ainda é denominada de Capoeirão. O lugar fica próximo à cidade de Cumari, e quando se chega a um determinado ponto do pequeno município, pode-se ver uma entrada para estrada de chão, que é onde começa de fato o famoso Capoeirão. Daí em diante começa um longo caminho empoeirado, onde há vários outros que levam para cada uma dessas fazendas. Mais à frente, é possível ver uma plaquinha com os dizeres: CAPOEIRÃO, com uma seta.



Na imagem está uma das placas indicando o caminho para o Capoeirão. Existem diversos pontos no Capoeirão que também possuem placas semelhantes a essa.

Mas se você pensa que andar no Capoeirão é fácil, engana-se. Não é mesmo. É preciso prestar bastante atenção nos mata-burros, porteiras para fazendas diferentes, animais que podem cruzar seu caminho e é preciso tomar sempre bastante cuidado onde entra. Às vezes, aquela estradinha não leva a lugar algum. Está ali só para confundir mesmo. E não basta seguir apenas um caminho não, hein? Ao longo do local, há diversas entradas que levam para várias fazendas, tudo isso dependendo da direção seguida. Para te explicar melhor, é uma extensa faixa de terra que é habitada desde a chegada dos meus antepassados, os

fundadores dessa região de fato. Um lugar que teve seu surgimento no final do século XIX, e é muito provável que tenha inúmeras histórias, desde confusões familiares até acidentes trágicos.

Graciele Cristina (sobrinha-neta de Procópio) que é uma mulher mais jovem, bonita, cabelos curtos e com algumas mechas mais claras, conta a mesma versão do acontecimento, só que com detalhes de outra linha da família. Até o momento, muito se falou de Antônio Silva Barbosa, meu bisavô, e de seu irmão Manoel Silva Barbosa, mas ainda não foi mencionado sobre os outros seis irmãos, que o esposo de Graciele é neto de um deles. Para começar a contar a história que Graciele me passou, é necessário dar mais alguns detalhes. Graciele, assim como eu, é bisneta de Antônio Silva Barbosa, só que ela se casou com um primo distante, o Cílio Leão. Segundo as histórias que a avó de Graciele (Inhá - irmã de Procópio) contava, Antônio Silva veio para Cumari ainda solteiro e quando chegou à região do Capoeirão começou a plantar cana, o que faz completo sentido, pois ele tinha engenho. Para ela, a família Leão veio de Formigas, enquanto a Silva Barbosa de Igarapava, onde ambas se casaram entre si e deram origem a uma nova família.

De acordo com a jovem de cabelos claros, a mãe de Antônio Silva se chamava Joana, e foi ela que veio

de Igarapava com os filhos, mas não se sabe se ela veio solteira ou casada. Já sobre essa figura meio mítica chamada Joana, ou como muitos preferem chamar, “Vó Joana”, ainda vai-se ouvir muito sobre ela ao longo dessa história. Minha tia, a Maria da Glória, ou também como ela foi descrita mais acima, a Maria do Procópio, me contou que ela se lembra de ouvir falar um pouco dessa vó Joana, e que foi ela que alcançou os seus 105 anos de vida, ainda com vistas suficientes para enfiar uma linha no buraco de uma agulha.

E é aí que se começam os questionamentos...O que dá pra ver em 105 anos? Dá pra ver a Proclamação da República, a libertação dos escravos, e ver uma terra que parecia estéril transformar-se em futuro. Certamente, a avó Joana viu a mata toda em pé quando chegou. E alguns anos depois, muitas daquelas árvores não existiam mais e davam lugar a outras plantações. Mas ela continuava a existir. Ah, e falando em plantação, dona Maria do Valdo veio me contar de uma famosa árvore que já estava no local antes mesmo da chegada da família de seu avô Tonhê, e que continua do mesmo jeito até hoje. Intacta. A árvore já tem por volta de 200 anos e se mantém florida e do mesmo jeitinho que foi encontrada. A estrutura de ramificações, possui troncos longos e tortos. E é toda coberta de flores roxas, que fascinam qualquer pessoa que lhe cruza o olhar.



Árvore com
flores rosadas/
lilás que já
estava no
Capoeirão
antes mesmo de
Antônio Silva
Barbosa firmar
moradia no
local.



Graciele conta também sobre a história de um dos irmãos que brigaram e foram parar na cidade de Rio Verde, que corresponde à mesma história contada por Maria Ferreira. Mas as aventuras desse pessoal não pararam por aí. A enorme família, após atravessar os rios, se dividiram. Um pouco foi para a cidade Catalão, outra para a pequena Marzagão (não muito longe das águas do Paranaíba), e um terceiro grupo seguiu para a então, Rio Verde. Essas cidades possuem semelhanças de desenvolvimento com o início da própria Cumari.

Para ser mais clara, a cidade de Catalão é um dos primeiros municípios do estado de Goiás, mas não se sabe ao certo quando surgiram suas primeiras habitações, apenas que eram terras que começaram a ser povoadas por dois grupos de indígenas no início do século XVII. E que eram terras que passaram a se caracterizar como caminho de bandeirantes, onde acabou sendo beneficiada a partir da década de 1910, pela chegada dos trilhos da estrada de Ferro Goyaz, por meio da entrada principal que saía de Goiandira¹⁷. Já Marzagão surgiu por volta do início do século XX, a partir de terras que pertenciam à fazenda “Boa Vis-

17 SILVA. Juliane Carla. BARBOSA. Fábio de Macedo Tristão. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais. V. 6, N 1, p. 192-217, Ago./Dez., 2017. ISSN 2238-3565.

ta de Marzagão”, próxima à cidade de Caldas Novas¹⁸, mas não se sabe dessa parte da família que ficou por lá.

Já o município de Rio Verde, inicialmente, se tratava de um distrito que surgiu a partir de doação de terras. Ele apenas teve seu ápice de desenvolvimento na década de 1970, com a abertura dos cerrados à agricultura e a chegada das estradas pavimentadas que a ligam a Goiânia e Itumbiara¹⁹. Mais gente desbravando o sertão. As histórias parecem se repetir, com famílias chegando aos capoeirões de Goiás atrás de uma vida com mais esperança e progresso, em diferentes épocas da História. Voltando para a história da família...Maria do Valdo conta que parte da família que seguiu para o município de Rio Verde é da qual menos se tem notícias. Por se tratarem de duas famílias distintas, uma pessoa de um clã brigou com outra de um braço distinto e partiu para este destino, justificando haver também membros da família Leão na cidade do Sudoeste goiano.

Já para seu João Silva Neto, os verdadeiros pioneiros foram Manuel Silva Barbosa e João Silva Barbosa (se reparar bem nesses nomes, percebesse que eles também são irmãos de Antônio Silva Barbosa e de Chico Silva) juntamente com o pessoal Florisbelo.

18 História. Governo de Mazargão.

19 História. Cidades -IBGE. Rio Verde(GO). Prefeitura, 2015

Eles começaram a se agrupar, e se acomodaram nas beiras do rio Paranaíba, que é próximo ao Capoeirão, onde as famílias foram se misturando. Essa primeira geração era completamente analfabeta e se tratava de um pessoal pacífico, camponês e bastante trabalhador. Assim que chegaram e foram ocupando as terras, acabaram trabalhando com engenho de cana, para garantir seu sustento. Mas mesmo com a moral de passividade da família, João contou que alguns tinham fama de violentos e tinham até jagunços. Essa visão de respeito que a família passava, perpetua por várias gerações.

No entanto, alguns continuaram nessa jornada rumo a um novo lar e acabaram parando em um paiol, que pode ser entendido como um local onde fica guardado produtos agrícolas. Maria disse que não se recorda muito bem se seu avô chegou com a família quando era mais novo e solteiro ou se já estava casado com sua avó. Mas de qualquer forma, Maria continua a história explicando que ao chegarem, encontraram uma mata muito grande, e começaram a desmatar para fazer suas lavouras.

O primeiro paiol que encontraram, segundo ela, pertencia a um velho senhor do qual ela não se lembra o nome. Antônio Silva Barbosa comprou um pedaço de terra onde ficava esse lugar e começou a desmatá-

-lo e iniciar de imediato uma plantação. Esse senhor possivelmente se tratava de Marcolino Martins, que construiu um barracão para atender tropeiros e carreiros na região²⁰. Já Antônio Neto, homem baixo, poucos cabelos, com aquele sorriso de canto de boca, afirmam que os pioneiros foram Manuel Silva Barbosa e Maria Teodora de São José, que vieram de Igarapava, enquanto a “Avó Mulata” veio de Formigas-MG mais ou menos nessa mesma época. Já em relação à data, não se sabe muito bem ao certo. E com a chegada ao local, ao avistar a altura da mata, denominaram de Capoeirão. Por conta disso, os pioneiros viviam da lavoura, derrubavam a mata e plantavam.

Graciele falou que seu bisavô tinha fama de gostar muito de bebida e até ouviu uma história de que era um pouco preguiçoso. Essa versão da jovem que o bisavô era preguiçoso foi contada por seu avô Decá, José Antônio da Silva, que não gostou de ter morado um tempo com o sogro. Mas o que se sabe até então é que Antônio, mesmo gostando de uma pinga, era bastante trabalhador. Bebida não faltava por ali. O cheiro de cachaça produzida na hora, o aroma do melão de cana sendo preparado era uma constante. Afinal, Antônio tinha um engenho, uma atividade bastante

20 PAIVA.Idelmar. CUMARI. Vagões de memória. 1º Edição. Goiânia. Fios da Memória, 2010

tradicional na época. E da cana-de-açúcar ele tirava, com as ferramentas mais rudimentares daquele tempo, vários produtos, que adocicavam a vida e inebriavam o pensamento. Já a Maria do Balico, mulher baixa, cabelos ondulados e de personalidade forte, conta uma versão semelhante à história de Graciele, sobre a famosa história do surgimento do Capoeirão. Maria é apelidada de Maria do Balico pois seu pai era o Carmindo, apelidado de Balico. Ele era o filho mais novo de Antônio Silva Barbosa, e morou a vida toda na cidade de Cumari. Ela afirma também que começou com a chegada da “Vó Joana”. E a história do Cruzeiro que veio junto com sua família lá no início, ela diz que o primeiro foi ficando velho e trocaram, e que não sabe se já está no segundo ou no terceiro, porém o primeiro está guardado dentro da igreja que acontece a festa.

São diversas versões de como surgiu o Capoeirão, mas a mais correta de acordo com as pesquisas feitas para composição desse livro reportagem, foi de que Manoel Silva Barbosa e Maria Joana de Jesus vieram de Igarapava, São Paulo com os filhos, e devastaram a região do Capoeirão. Enquanto Procópio da Silva Leão e Teodora Leão partiram da região de Formigas, Minas Gerais até chegar ao local. Ambos os casais são avós do protagonista da história, Procópio Silva Leão.

Os irmãos de Antônio Silva também foram muito importantes para as histórias que ainda são contadas no Capoeirão. Cílio Leão, esposo de Graciele, é um homem alto, magro, mais velho e com olhar profundo, contou que seu avô (Francisco Silva Barbosa, irmão de Antônio e tio de Procópio) era um homem de muita confiança na região. Ele tinha um baú que as pessoas guardavam notas promissórias, documentos, como uma espécie de cartório. As declarações eram guardadas a sete chaves e ele não cobrava nenhum tipo de taxa por isso. Francisco Silva era uma espécie de médico, e tratava as pessoas com remédios caseiros, e de forma gratuita. Por conta de demonstrar tanta generosidade com a população local, acabou recebendo uma medalha de título de Alferes. Esta espécie de título era passada para pessoas de boa índole, de extrema confiança, e era emitido pelo Presidente da República, naquele momento em questão o presidente responsável por tal honraria, foi o Marechal Hermes da Fonseca, em 1914.

As medalhas não tenho conhecimento, mas dois livros utilizados por Chico permanecem com Antônio Neto. Ambos estão um pouco desgastados na capa, com alguns adesivos para mantê-los firmes. Já por dentro, estão como nos tempos de Chico. Os livros importados da França possuem diversas receitas me-

dicinais, que podem ser feitas com animais, sementes e plantas naturais. Chico Silva era um homem inteligente e foi uma espécie de curandeiro para a família.



Livros que Chico Silva (irmão de Antônio Silva Barbosa e tio de Procópio) utilizava para medicar a população de Cumari.

Além da honraria em forma de medalha, ele recebeu também um certificado de Hermes da Fonseca, homenageando-o. O documento foi emitido no ano de 1913, intitulado Francisco Silva a título de Alferes. A declaração, que tem mais de 100 anos, carrega a assinatura de próprio punho do então Presidente da República. E por mais que faça tanto tempo desde a emissão do documento, a assinatura permanece legível e o documento em perfeito estado de conservação.



Documento concedido a Chico Silva. Na parte da frente: "O presidente da República dos Estados Unidos do Brasil - Faço saber, aos que esta Carta Patente virem, que por decreto de 6 de Agosto de 1913 foi * Francisco da Silva Barbosa para E. posto de Alferes a 1º Companhia da 90º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional da ** de Catalão no Estado de Goyaz e tal como gosará de todas as honras e direitos inherentes ao posto; pelo que mando á autoridade competente que lhe dê posse depois de prestada a solemne promessa de bem servir, aos officiaes superiores que a reconheçam e a todos os seus subalternos que lhe obedeçam e guardem suas ordens. Para servir de título, lhe mandei passar a presente Carta por mim assignada, e que se cumprirá depois de sellada com o sello das Armas da Republica. Palacio da Presidência no Rio de Janeiro, em dose de agosto de mil novecentos e quatorze"

Dona Waldeci Silva Leão, neta dos dois irmãos Silva (Antônio Silva Barbosa e Francisco Silva Barbosa) - os pais dela eram primos de primeiro grau - afirma que o avô Chico era um homem muito esperto e entendido das coisas. E que por incrível que pareça, ele conseguiu adivinhar o dia de sua morte. Dizia sempre que iria morrer no dia de São Miguel, 29 de setembro. E foi assim que aconteceu. Ele estava sendo cuidado por sua filha Benzica e já estava de cama. Por conta disso, a filha não saía de perto do pai. Mas Chico, com suas premonições, não queria que a herdeira estivesse presente no momento de sua passagem. O homem inventou uma desculpa para a filha para que ela saísse de seu quarto. Ela se retirou e se sentou numa cadeira em frente ao quarto do pai, do lado de fora. Um breve instante depois, olhou para o velho de bigodes e ele já estava morto. Waldeci conta também que ele andava pela região do Capoeirão com uma cruz e um punhal, para afastar as onças que habitavam pelo local na época. E não é que dava certo? De acordo com relatos, a forma de Chico afastar os bichos era eficiente. A cruz dessa simpatia está pendurada numa parede alta da casa de dona Waldeci, em Cumari.

Crucifixo que
Chico Silva
carregava
consigo pela
região do
Capoeirão.



E essa é apenas uma das inúmeras histórias que são contadas pelo Capoeirão, porque o que dizem por lá, é que o local é repleto de contos, lendas, que fazem cenário para narrativas famosas em toda região. Acredito que não consegui reunir todas, mas vou descrever algumas delas que me contaram e que envolvem membros da família Silva Leão. Essas narrativas são repetidas de geração em geração, o que não permite que caiam no esquecimento. Muitas delas, envolvem verdadeiras tragédias, com acidentes e mortes violentas.

Haja história pra contar

Reza a lenda que um homem negro, trabalhador na região do Capoeirão, peão de confiança da família de Seu Antônio Silva, descobriu uma fofoca da família dos Evangelista da Rocha. E naquele período, as duas famílias, que foram fundamentais na construção da cidade de Cumari, não se davam bem e tinham uma certa rixa. O patrão do tal Baiano havia lhe avisado para tomar cuidado com a gente da família rival. Mas, certa vez, o pior aconteceu. Em uma encruzilhada, um homem de prontidão estava à sua espera, com as piores intenções possíveis. Era uma tocaia no meio do Cerrado. Até hoje não se sabe quem era o misterioso sujeito que atravessou o caminho do pobre Baiano, talvez vítima de uma briga que não era dele.

Quando o jovem trabalhador passou pelo local, foi morto pelo desconhecido. Não se tem absoluta certeza dos métodos utilizados, só se sabe que ele morreu na mesma hora. Até hoje, quem sabe a história do Baiano conta emocionado o que aconteceu. Dizem que Salvino, (filho de Antônio Silva Barbosa e irmão de Procópio) tinha 7 anos na época, e passava pelo local a pé, sozinho, algum tempo depois do crime. Ele encontrou o corpo do homem já inchado e em processo de decomposição, largado no meio do mato. A criança, assustada, saiu correndo para chamar o pai. Quando a polícia chegou para registrar o óbito e fazer investigações, prenderam Antônio, por acharem que ele era o culpado pela morte do homem. Por fim, ele conseguiu sair da cadeia provisória e provar que não havia sido o responsável pelo crime.

Até hoje se afirma que Baiano foi morto por engano, mas de fato ninguém tem certeza de como realmente o acontecimento trágico ocorreu. Dona Fia, mulher de Antônio, pegou o corpo do homem e o embalou com as cobertas que tinha em casa. Baiano está enterrado no mesmo local onde foi encontrado morto, pois pela situação que estava seu corpo, não tinha condição de ser levado para outro lugar. No mesmo ponto, foi fincada uma cruz, que permanece lá até hoje. Dona Maria do Valdo conta que sua mãe à leva-

va junto com seus irmãos, Cacilda e Antônio, para rezar perante a cruz de Baiano, pedindo que chovesse. Assim que acabava a rezaiada, as crianças saíam correndo disparadas, pois a chuva vinha tão rápido que poderia alcançar as crianças. A encruzilhada é próxima à fazenda de dona Maria, e se mantém do mesmo jeitinho, desde o acontecimento. É um local um pouco mais alto, com uma árvore e com a cruz marcando o local do ocorrido.



Local da morte
e onde está
fincada a Cruz
de Baiano

Os relatos históricos mais antigos mostram que pessoas de muitas posses costumam casar seus filhos com pares de amigos também ricos ou mesmo com parentes, para manter a prosperidade dentro da família. E de fato foi isso o que aconteceu com muitos membros da família Silva Leão. Muitos primos se casaram com outros primos. No entanto, não foi bem assim que aconteceu em todos os casos. Contam que vovô Tonhê (Antônio Silva Barbosa), não autorizou o casamento de Valdo com sua neta, filha de sua filha Itervina, no caso, sobrinha do pretendente. Ele achava o casamento algo absurdo e não deixou que acontecesse. A jovem moça não suportou a decisão do avô, tomou um veneno e faleceu. Os membros da família não se lembram muito bem dessa personagem, mas pela única foto que existe dela, mostra-se uma mulher com vestimentas comportadas, de acordo com os padrões da época, feição fechada e com acessórios no cabelo.

A linha da Estrada de Ferro Goyaz cortava a cidade de Cumari e as locomotivas e vagões também passavam pelas terras do Capoeirão. Atualmente, os trilhos ainda estão por lá, mas a estrada não funciona mais. Isso não impede que haja avisos dos dois lados da rota, para que as pessoas tomem cuidado ao atravessar, mesmo sem nenhum tipo de movimento. Existia também uma linha que cortava o meio da cida-

de de Cumari, que possuía até uma curva central que dava volta. E mesmo com tantos avisos, algo trágico aconteceu na família Silva Leão envolvendo o trem de ferro. Dona Ironдина era casada com um dos netos de Antônio Silva e tinha três filhos. Seu marido saiu em seu Fusca com dois filhos do casal pela região do Capoeirão. Ele retornava da casa de uma de suas filhas, que tinha acabado de se casar.

Quando João Silva Leão atravessou a curva que cortava a linha de trem, no meio da cidade de Cumari, o carro com o homem e o casal de crianças, apagou. João tentou religar o veículo de todas as formas possíveis, mas não deu certo. E quando ele conseguiu abrir uma das portas do Fusca, já era tarde demais. O trem, que não conseguiu frear a tempo, pegou o veículo e os três faleceram.

Placas com avisos de cuidado na região do Capoeirão, onde é cortado pela Estrada de Ferro (atualmente inativa)



Esse capítulo da história da família Silva Leão, é lembrado com bastante tristeza e dor até hoje.

Como foi relatado até aqui, a região do Capoeirão é uma extensa faixa terrestre, mas que também é cortada por diversos córregos. Um deles faz parte da fazenda de Carmindo Silva Leão, o Balico (irmão de Procópio). Certo dia, seu filho mais novo, João, pulou no córrego com o primo que também se chamava João (o filho de Toim), para se divertir. Os dois mergulharam bem fundo, mas o João do Balico não conseguia retornar para a superfície e o primo estranhou a situação.

Depois de procurar o menino e não conseguir localizá-lo, o rapaz saiu da água em disparada atrás do pai, o Balico, mas não o encontrou. Apressando o passo, ele acabou cruzando com seu irmão Valdo, que mergulhou no rio e achou o sobrinho, preso no fundo do córrego. Infelizmente a criança não sobreviveu. Ele era pequeno e tinha por volta dos 9 anos de idade. Infelizmente é também uma parte triste da história da família.

Outro fato muito lembrado envolve Maria do Valdo. Conta-se que quando ela foi a festeira da Festa de Santa Cruz, em 1987, um dos homens que participava do evento resolveu comer as famosas almôndegas... As almôndegas compõem um dos principais pratos

servidos na festa e é praticamente impossível falar do evento e não se lembrar das deliciosas pelotas de carne moída. O homem engoliu a comida de uma só vez, e é claro, nada saiu como planejado. Ele engasgou e ficou com o alimento preso na garganta. Dizem até que dava pra ver a pelota atravessada em seu pescoço. Será que por ser uma comida tão gostosa, o homem não se aguentou de tanta ansiedade? É... Talvez essa seja a explicação.

O acontecimento foi registrado em fotografia, mas infelizmente não consegui encontrar. Aposto que você ficou curioso pra saber o que deu essa história, não é? Pode ficar tranquilo, que deu tudo certo e o homem saiu vivo e bem desse susto. Mas com toda certeza, ele não deve ter tentado comer uma almôndega inteira de novo, não é?

Já que estamos falando de comida, há uma história que envolve pamonha que não pode deixar de ser contada. A palavra pamonha vem do tupi, *pamu-ña*, revelando a origem indígena do alimento. Dizem que os índios das Américas comiam muito milho verde amassado com leite de coco e erva doce²¹. A pamonha é um quitute consumido em várias regiões do Brasil. E a família Silva Leão, assim como muitas famílias no

21 JANUÁRIO. Larissa. O ritual da pamonha goiana. Sem medida, 2017

Centro-Oeste brasileiro, tinha o costume de reunir e fazer tal iguaria em mutirão, que é uma tradição em várias partes do Estado. A propósito, acho que esse negócio de gostar de uma pamonha foi algo passado de geração em geração também, com toda certeza! Porque eu e muitos parentes amamos uma pamonha!

Era uma grande farra para as crianças quando os Silva Leão se juntavam nesse dia de confraternização gastronômica. Maria do Valdo conta que enquanto as mães estavam empacotando as deliciosas pamonhas, a meninada ficava correndo, brincando e sempre aprontando algo. Mas o foco principal da história é que eles adoravam fazer gracinhas com o Antônio, meu tio, o filho do Procópio. Quando Antônio Carlos se distraía, eles iam logo pedir à minha avó para ela “batizar” a pamonha do filho. As crianças lhe entregavam cabelo de milho e pedia para dona Cilezia (esposa do Procópio) colocar na pamonha. E se você pensou que minha avó negava o pedido dos sobrinhos, pensou errado! Ela entrava na farra, até pra fazer uma gracinha com o filho. Cilezia que amava fazer brincadeiras e não tinha nada de séria, marcava a pamonha de Antônio e deixava separada. Depois de cozidas, ela tirava a pamonha cabeluda e colocava no prato do primogênito, que tinha o maior susto quando ia comer. E é claro, a criançada caía na gargalhada.

Os filhos de Antônio

Cada filho de seu Antônio tinha uma característica específica e, assim como os pais, um jeitinho marcante. Levina usava saias compridas, bem abaixo do joelho. Era uma mulher forte, cozinhava como ninguém e não tinha preguiça de nada. A quitandeira, lembra? Já Carmindo, ou seu Balico, para os mais próximos - até hoje ninguém sabe o motivo do apelido, nem mesmo sua filha -, era um homem educado, barrigudo e como diz minha avó, "gostava de um goliinho". Antônio, que herdou o nome do pai, foi apelidado de "Toim". Era um homem festeiro e bastante animado. Não é à toa que mais à frente, Balico, Valdo e Toim ficaram responsáveis pela festa de Santa Cruz. O Toim, segundo as sobrinhas, não perdia uma festa

sem dançar. Era dança pra cá, dança pra lá, e sempre com uma mulher diferente. Era impossível sair de uma festa com seu Toim e não se contagiar com sua alegria e disposição.

Já o Alvinho, era um sujeito mais sistemático e reservado, com o temperamento um pouco parecido com o irmão Valdivino, que era também mais fechado. Valdivino era um homem alto, magro, de cabeça branca e bastante calado. Ele adorava cuidar da fazenda e dos animais. E foi no local que tanto gostava, que faleceu. Acordou como de costume cedo e saiu para o paiol, para alimentar os bichos, mas como ele não voltava, a sua esposa começou a ficar preocupada. Chamou os peões e nada do marido. O que se sabe é que dona Neném saiu disparada sem os chinelos diretamente para o paiol. E lá estava ele, caído e já sem sinal de vida. Valdo teve uma parada cardíaca. Onde ele foi encontrado, foi fincada uma cruz assim como a de Baiano, que está no local até os dias de hoje.

A Carminda, que passou a ser apelidada de Inhá, por se parecer bastante com sua tia, “Dona Sinhá”, era uma mulher baixinha, gostava de dançar e fazia um queijo gostoso que só vendo. Ah, já ia me esquecendo: assim como a mãe, ela tinha uma ave de estimação, uma mulata que a acompanhava para tudo quanto é lado. Todos os sábados, seus netos passavam a tar-

de com ela e o marido. E como de costume, ela ficava o dia todo esperando o telefonema de Procópio. Ele ligava sempre no sábado, no finalzinho da tarde. Quando o telefone tocava, ela já dizia: “é o Compadre Procópio”, e ia rapidamente atender. Os dois rendiam tanto assunto que ficavam horas e horas conversando. Imagina-se que Procópio contava várias piadas para a irmã, porque segundo a neta, Graciele, ela ria tanto, mais tanto, que quando acabava a conversa, estava radiante.

O Salvino ficava um pouco mais distante de todos e assim como seu tio, Chico Silva, tinha um baú que guardava documentos e registros. O baú de madeira existe até hoje, guardado na casa de dona Waldeci e Waldina. Procópio era um dos filhos mais atenciosos, engraçados e adorava contar uma história. Dizem que meu avô ria o tempo todo e sempre estava alegre e de bem com a vida. Para Procópio realmente não existia tempo ruim. Bendita (que na verdade se chamava Benedita) não era filha de sangue da vovó Fia. Ela foi fruto de um envolvimento do seu Antônio, meu bisavô, com outra mulher. O que se sabe é que ele recebeu um comunicado sobre a filha e contou a história para a esposa, que aceitou cuidar da jovem Bendita, como se fosse sua também. E dizia até que a Benedita parecia mais sua filha do que as que haviam saído de seu ventre.

Os irmãos Silva Leão são os grandes pilares que mantiveram a Festa de Santa Cruz em seus anos dourados por tanto tempo. Mas, afinal, o que é a Festa de Santa Cruz da história da almôndega? Onde surgiu? Quem são os responsáveis por esse evento? Calma aí que é prosa pro próximo capítulo.

Soltem os foguetes, já vai começar a Festa de Santa Cruz!

A Festa de Santa Cruz é um dos grandes pilares desse enredo e é o que de fato une todas as versões sobre a história dos fundadores. A famosa celebração acontece, atualmente, na Fazenda Campo Limpo, que pertence a duas irmãs, Waldeci e Waldina Silva Leão. São duas mulheres baixas, de cabelos curtos e que soltam um largo sorriso a cada minuto. Elas receberam a propriedade como herança do pai, Alvino Silva Leão (filho do patriarca Antônio e um dos irmãos de Procópio). É um local grande, com um curral na frente da casa, onde o gado é tratado. A sede tem uma arquitetura do século passado, com portas e janelas bem antigas, além de um chão de madeira que quando se pisa, faz um barulho estrondoso, que ecoa na casa toda. Fo-

gão à lenha, um quintal enorme ao fundo, banheira e fotos de seus antepassados na parede são alguns detalhes marcantes que registrei ao entrar na casa.

Já um pouco mais à direita da habitação, está localizada a famosa capela de Santa Cruz, bem no topo de um morro que dá para enxergar de qualquer ponto do Capoeirão.



Capela de
Santa Cruz e
Galpão onde
acontece a
festa



Mas essa não é a primeira igreja construída no local. Dizem que havia uma mais antiga, que de fato teria sido a pioneira e ficava um pouco mais abaixo, próxima ao córrego, segundo Daiane Gomes Ferreira Rodrigues, que realizou um trabalho sobre a cultura da religiosidade da festa de Santa Cruz. Daiane se dispôs a realizar a pesquisa no assunto como forma de resgatar memórias que sua avó contava sobre a festa. A avó de Daiane, dona Josefa, rezava o terço da novena que antecede a festa com sua família todos os anos, foi festeira durante um ano e se tornou muito devota da Santa Cruz, que surgiu como forma de agradecimento. De acordo com ela, seus pais se conheceram na festa. Como o trabalho dela trata mais sobre a questão cultural e de aspectos da religiosidade, ela se informou também sobre alguns desentendimentos da igreja local com a tradição da festa. Santa Cruz é tida como não existente na Igreja Católica e por conta disso, durante vários anos, padres não quiseram assumir a igreja e não celebrar nenhum tipo de missa no local.

Daiane Gomes conta também que mudaram a pequena capelinha de local, pois ela estava estragando, por estar próxima a um córrego. A capela é pequena, de cor branca e detalhes azuis próximo à escada central. A porta é em tom verde escuro e possui um telhado de cor marrom, num tom parecido com o de

barro. Para o dicionário, a palavra “capela” significa: “Pequena igreja, com apenas um altar”, e é exatamente assim que é a capelinha de Santa Cruz, bem pequena e com muitas imagens da santa padroeira. Neste caso, se trata de uma santa, a Santa Cruz. O local tem 11 bancos, uma porta central, e uma lateral à direita, que dá direto com o galpão da festa.

No altar, há quatro representações diferentes da Santa Cruz, uma imagem do Divino Pai Eterno, um crucifixo e Nossa Senhora Aparecida. A sua esquerda há uma cortina branca, que por trás, tem uma espécie de pequeno depósito com velas, flores artificiais e decorações que podem ser utilizadas na pequena igreja. Durante o período da festa, vem gente de diversos locais do estado para celebrar e rezar no evento. Mas afinal, quem é a Santa Cruz? E qual foi o grande motivo de devoção desses fundadores? E quem é a grande responsável pela origem da festa?

Sobre a origem de fato da santa, os relatos são um pouco confusos e até contraditórios. Não se sabe, com absoluta certeza, de onde realmente veio a grande devoção, se foi de São Paulo ou Minas Gerais. Possivelmente, a imagem da Santa veio de Formigas, Minas Gerais, com Procópio da Silva Leão e Teodora Leão (um dos casais pioneiros e avós do Procópio que guia essa narrativa). Já em relação ao nome, também existe

um certo conflito. Alguns dizem que é “Santa Cruz”, pois foi assim que os primeiros fundadores a chamavam, e outros de que o certo, perante a Igreja Católica, é chamá-la de “Nossa Senhora da Santa Cruz”.

As buscas sobre o que é verdadeiro ou não tornam-se ainda mais difíceis quando se coloca “Santa Cruz” no Google, pois não aparece nenhuma imagem da santa que está no Capoeirão. Surgem apenas notícias e fotos do time “Santa Cruz Futebol Clube”, que foi fundado em 1914 na cidade do Recife, Pernambuco²². Já quando se coloca “Nossa Senhora da Santa Cruz”, é vista a imagem de outra santa, que não se assemelha em nada com a que está no Capoeirão e que conta com uma romaria anual na cidade gaúcha de Erechim. É, pelo jeito essa Santa também é um mistério!

Já algumas pessoas afirmam que a devoção pela Santa veio do interior de São Paulo, lembra? Na cidade de Igarapava, de onde vieram o casal Maria Joana e Procópio (avós do avô da autora), existe uma igreja destinada a Santa: Paróquia Santa Cruz. E em diversos estados brasileiros, como Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul e até em Goiás, não tão longe assim de Cumari, existem cidades com o nome de Santa Cruz. De início, me assustei por não conse-

22 Santa Cruz. Pernambuco. Institucional. 2021.

guir encontrar nada sobre a Santa, mas depois de uma conversa informal com o Irmão Diego Joaquim, Missionário Redentorista da Congregação do Santíssimo Redentor, descobri que isso é mais normal do que se imagina. Muitos santos ficam conhecidos apenas em determinada região, vilarejo, cidade.



Capela de Santa Cruz por dentro.



Diferentes
representações da
Imagem da Santa
Cruz na Capela
dedicada a Santa.

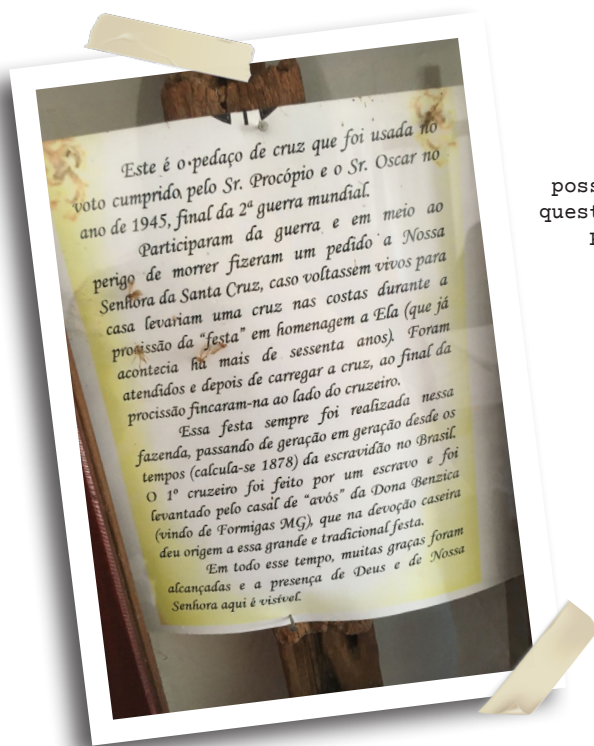
Quando abri as cortinas para saber o que havia no local, levei uma picada de maribondo. E sim, eu tenho alergia, e o resultado foi minha mão ter ficado enorme e doer sem parar durante alguns dias. E não, não é a primeira vez que ganho uma picada dessa de presente lá do Capoeirão. Minha mãe conta que em uma das Festas de Santa Cruz, a qual assisti quando pequena, também fui picada na mão. Mas da outra vez foi muito pior, porque não tinha álcool no local e o galpão estava abarrotado com muita gente. Hoje em dia, o lugar está um pouco sujo, pois ninguém o visita há um certo tempo. Há dois anos, a Festa de Santa Cruz não acontece por conta da pandemia da Covid -19.

Na capela, próximo ao altar, também existe um pedaço de cruz, que possivelmente veio com os fundadores, juntamente com um registro colocado por Antônio Neto, contando uma suposta história sobre meu avô. Ele diz que antes de Procópio se alistar no Exército, já com a expectativa de que poderia ser convocado para a Segunda Guerra Mundial, teria feito uma promessa, juntamente com um amigo, Oscar, que também era ex-combatente. Segundo essa versão, Procópio e Oscar teriam prometido que se ambos voltassem vivos do embate, iriam carregar uma cruz pela cidade de Cumari. Com o retorno de ambos, sãos e salvos, em 1945, eles teriam carregado a cruz pela cidade.

O documento diz o seguinte: *“Este é o pedaço de cruz que foi usada no voto cumprido pelo Sr. Procópio e o Sr. Oscar no ano de 1945, final da 2ª guerra mundial. Participaram da guerra e em meio ao perigo de morrer fizeram um pedido a Nossa Senhora da Santa Cruz, caso voltassem vivos para casa levariam uma cruz nas costas durante a procissão da “festa” em homenagem a Ela (que já acontecia há mais de sessenta anos). Foram atendidos e depois de carregar a cruz, ao final da procissão fincaram-na ao lado do cruzeiro. Essa festa sempre foi realizada nessa fazenda, passando de geração em geração desde os tempos (calcula-se 1878) da escravidão no Brasil. O 1º cruzeiro foi feito por um escravo e foi levado pelo casal de “avós” da Dona Benzica (vindo de Formigas- MG), que na devoção caseira deu origem a essa grande e tradicional festa. Em todo esse tempo, muitas graças foram alcançadas e a presença de Deus e de Nossa Senhora aqui é visível.”*

A veracidade desse documento não é atestada por outros membros da família, pois conversei com diversas pessoas sobre essa história e ninguém nunca ouviu falar desse acontecimento. O senhor Manoel Agapito, que é a única testemunha ocular ainda viva daquele período, diz não saber desse acontecimento e que isso de fato não aconteceu. Procópio, como vai ser explicado mais à frente, não foi para combate durante a guerra, o que acaba mais uma vez colocando em

xeque a veracidade desse registro que está na capela.. Possivelmente essa história é mais uma de tantas lendas contadas no Capoeirão, pois ninguém da família Silva Leão, nem mesmo a mulher que foi casada com Procópio durante 59 anos, possui algum conhecimento a respeito. Oscar, que também foi descrito no documento, também já faleceu e nenhum familiar dele jamais ouviu qualquer menção sobre o fato. Infelizmente, os dois personagens da suposta promessa não estão vivos para atestar a veracidade dessa história, que parece não ter pé nem cabeça.



Documento que possui veracidade questionável sobre Procópio Silva Leão e Oscar.

Ao lado direito da capela, fica o galpão onde acontece a farra. É como se fosse um verdadeiro anexo, bem largo, que todos denominam de “barracão”. Ele é todo coberto, mas sua primeira versão era feita de coqueiro. Dizem que foi melhorando com o passar dos anos e com o interesse dos festeiros. Hoje, ele está construído com madeira; apenas algumas paredes e alguns pontos ainda são cobertos com folhas de bacuri. Os bacuris são grandes árvores, que podem ser encontradas na região Amazônica e aqui no Cerrado²³.

O galpão, que costuma ficar cheio durante a festa e ser tomado por cadeiras por todos os lados, estava completamente vazio. Na parte de cima ainda havia bandeirolas de festa junina e estava todo pintado com as mesmas cores da igreja: branco e azul. Segundo Antônio Neto, se a festa continuar acontecendo nos próximos anos, não será possível continuar com as bandeiras penduradas, pois de acordo com o Corpo de Bombeiros, o material é mais fácil de pegar fogo, aumentando os riscos de algum acidente. Ao lado esquerdo da cozinha estão o depósito de bebidas e a parte de venda de comidas. Já os banheiros ficam mais ao fundo, do lado direito.

23 BACURI. Espécie da Amazônia e do Cerrado. Cerratinga.



Galpão onde
acontece a
Festa de Santa
Cruz nos dias
atuais (2021).



Cozinha
do local



Banheiro masculino e feminino no galpão, onde acontece a Festa de Santa Cruz.



Local onde acontece a venda de comidas e bebidas no galpão.



Palco no galpão.

O chão tinha alguns escritos no cimento, possivelmente dos festeiros do ano de 2014 - “Luciene, Lindolfo, Rafael...” - e desenhos recentes feitos a giz por crianças. Brincadeira de força, sabe? “Espinha, Zumba e Rapadura” são algumas das palavras desenhadas. Para ser sincera, foi bem estranho entrar naquele lugar e não ver ninguém. Deu uma sensação ruim perceber os efeitos da pandemia até nos pontos mais distantes.

Em relação à data de surgimento da festa, existem algumas convergências e bastante confusão. Alguns dizem que a celebração já passa dos 147 anos; outros que ainda nem chegou nos seus 143 anos. Mas mesmo assim, pode-se dizer que a festança tem mais de um século e muita história acumulada. O que não é segredo para ninguém é que desde sua criação, ela acontece todos os anos (com exceção de 2020 e 2021, por conta da pandemia) e vem sendo passada de geração em geração, sempre a cargo dos Silva Leão. No total, são 9 dias de novena e muita reza. Existem diversas histórias dessa tradicional celebração, incluindo até amores que surgiram no meio dela, que é o caso dos pais de Daiane. Mas o que de fato sempre dominou foi a adoração à santa. Pois mesmo com tantas narrativas distintas sobre o surgimento da festa, algo que é colocado como certo em todas as narrações é que estamos falando de fé.

Maria, filha de Valdo (irmão de Procópio), conta uma das versões mais aceitas pelo pessoal da região, a de que seu surgimento se deu por conta de uma promessa feita pela sogra de seu Antônio. Ela disse que o pedido de sua avó era para que chovesse na região, pois a família precisava da lavoura e não chovia de jeito nenhum. Feita a promessa, Nossa Senhora de Santa Cruz atendeu o pedido! Pois não demorou muito e caiu uma chuvarada sem fim. Por conta disso, desde essa época, a família teria se comprometido a fazer a festa todos os anos, e assim tem sido até os dias de hoje. Ela conta ainda que a Nossa Senhora de Santa Cruz veio com a família dela de São Paulo e eles tinham desde sempre uma forte devoção à santa. Até hoje, na capela, é preservado retratos que vieram com seus fundadores.

Em uma terceira versão do início da festa, Graciele Leão (sobrinha-neta de Procópio), conta que sua avó, dona Inhá, (irmã de Procópio) dizia que sua mãe começou a jogar água no pé de uma cruz, em um ano em que seu pai não estava tendo uma boa colheita no milho que havia plantado, e depois de algumas preces no pé do cruzeiro, acabou chovendo na região, onde começou a tradição de louvar Santa Cruz. Graciele acredita que não era apenas Maria Teodora que fazia esse tipo de promessa, e sim várias pessoas.

Ouvi mais uma versão que também é popular no local, a de que a Festa de Santa Cruz surgiu com a promessa de uma senhora que morava na cidade de Catalão, e o evento apenas continuaria acontecendo enquanto a mulher fosse viva. Mas a verdade é que essa história não passa de uma lenda, até porque essa tal senhora já estaria alcançando seus 150 anos de vida.

Antônio Neto traz uma versão um pouco diferente da que foi contada por Maria, Graciele e por essa outra que também é popular na região. Antônio, filho de Alvino (outro irmão de Procópio), é proprietário de uma fazenda na região do Capoeirão, próxima à localidade da festa. Ele afirma que a festa de Santa Cruz foi criada por uma “Avó Mulata” e também por conta de uma promessa. De acordo com apurações jornalísticas, checagem e testemunhos orais, possivelmente a mítica avó Mulata trata-se de ninguém menos que dona Teodora Leão, mãe de Maria Teodora de Jesus (mãe de Procópio). Versões dão conta que ela foi a responsável por trazer a tradição da festa consigo, ao vir de Formigas, Minas, com seu marido e filhos. Antônio ainda afirma que a avó Mulata, como a conheceu, já fazia uma festa semelhante na sua região de origem, em Minas Gerais, e quando chegou ao local quis continuar a tradição, onde se deu origem da Festa de Santa Cruz. Ele menciona o nome de uma mulher, que

foi descrita no trabalho de Daiane Gomes, como fonte central do início de tudo. A tal mulher é chamada de Maria do Carmo e é posta como fundadora, mas como já foi comprovado com a certidão de nascimento de Procópio, essa mulher é mais uma das lendas inventadas no Capoeirão.

No documento consta o nome de sua avó paterna, Maria Joana de Jesus. Essa sim é a matriarca, que aparece na foto com seus filhos e que tem sua imagem no jazigo da família, no Cemitério de Cumari, no mesmo túmulo que está seu filho, Antônio Silva, e sua nora, Maria Teodora. Ela também é considerada uma das fundadoras da festa. E independentemente da versão correta, o fato é que uma das avós de Procópio é a que começou a tradição da festa. Durante os “tempos dourados”, várias celebrações aconteceram no local. No total foram três matrimônios, com direito a convidados e tudo, assim como manda o figurino! Cada celebração teve sua particularidade e nem todos realizaram a festa no local.

Santa Cruz também é casamenteira

Sabe a dona Maria e o seu João Galinha? Então, lembra que eles tinham um casal de filhos? Pois é! A Lidiane, sua filha mais velha, foi uma das quatro moças que se casaram na Capela de Santa Cruz. Lidiane é uma mulher magra, alta e se parece bastante com sua mãe. Seu noivo, que atualmente é marido há mais de 10 anos, é um pouco mais alto, cabelos castanhos e adora fazer uma gracinha. A filha da Dona Maria, conta que queria fazer o matrimônio em um local que fosse possível realizar a festa de casamento e a cerimônia. Por isso logo se lembrou da capela de Santa Cruz, que seria uma forma também de estar em um lugar que faz parte da história de sua família.

E assim foi. No ano de 2010, Lidiane casou-se

com Jacques Júnior e foi uma festança que só vendo. A celebração aconteceu ao lado da Capela, que é um galpão enorme, todo coberto, onde se realiza a Festa de Santa Cruz. E é claro que como todo casamento que se preze, teve uma decoração especial na igreja, mas nesse caso, os noivos mantiveram vários aspectos naturais da capela para, é claro, lembrarem-se da festa que acontece há quase 150 anos em sua família. Já das outras três jovens que também tiveram o privilégio de se casar no local, uma delas se chama Suzane e a outra Elisane, mas infelizmente não foi possível entrevistá-las para este livro. No entanto, Lidiane foi a única das quatro moças que realizou tanto a festa quanto a cerimônia religiosa no mesmo lugar.

O casamento de Lidiane e Júnior foi celebrado pelo Padre Wanderly Borges, que atualmente é pároco da Igreja Matriz do Divino Pai Eterno, em Trindade. O padre conta que foi transferido já há quase 8 anos, mas que a festa de Santa Cruz deixou saudades. “É um povo de muita fé, acolhedor, alegre”, elogia. Ele sempre se lembra dos doces e da comida em abundância que são servidos no evento.

É, com toda certeza, o casamento dos dois foi daqueles casamentos inesquecíveis para os Cumarinos e ficou também para a história do Capoeirão. Outro fato marcante na Festa de Santa Cruz, é a tradição

de leiloar, um momento bastante representativo na festa que foi passado de geração em geração. Segundo Antônio Neto, quando a localidade do evento permanecia em outro local, próxima ao córrego, existiam dois bancos, nos quais se sentavam a turma da “Peroba” e do “Angico” para fazer o leilão. Mas como será que esses leilões aconteciam?



Casamento de Lidiane e Júnior
no Galpão da Capela de Santa Cruz

CAPÍTULO 10

50? Não! 100!!!
Peraí, quem dá mais?
Acho que ouvi 200!

Claro que a fé é o ponto principal da festa, mas não podemos nos esquecer de um elemento fundamental durante a farra: os leilões. Assim como a maioria das festas populares e as que costumam ser realizadas em igrejas, geralmente no meio da noite, quando grande parte das pessoas já está no local, comendo e bebendo, começam os leilões. No dicionário Aurélio, a palavra “leilão” significa “venda pública de objetos, sob pregação de leiloeiro, em que os arremata quem oferece maior lance; arrematação, até leiloamento”. E é exatamente assim que acontece. Diversas pessoas doam prendas, animais, alimentos, objetos e tudo que pode ser leiloado. O leiloeiro escolhe a ordem do que vai oferecer e inicia o leilão. É gritaria pra cá, é gritaria

pra lá, até conseguir vender tal prenda no maior valor possível.

Na Festa de Santa Cruz, a hora dos leilões não é diferente. No início, o responsável por essa parte era o Toim (irmão de Procópio), o filho mais animado de seu Antônio e dona Maria de Jesus. No intervalo de um leilão e outro, ele aproveitava para dançar com alguma dama que estava a postos na beira da pista. Dizem que ele amava arrastar o pé, numa coreografia chamada mazurca. A mazurca é uma dança tradicional de origem polaca e bem semelhante à oberca, que é uma variante muito rápida. É uma dança feita por pares formando figuras e desenhos diferentes, em compasso de três por quatro e tempo vivo. Sua característica principal é o ritmo pontuado, com acento típico no 2º e 3º tempos do compasso. Mas mesmo com esse nome, dizem que a dança que seu Toim se arriscava mais se parecia com a valsa.

Ele não podia ouvir uma música ,que já vinha com um “Vamos dançar mazurca, filha?”. E ai de quem recusasse um convite. Ele sempre dava um jeito de arrastar a convidada logo para a pista. E não era só na Festa de Santa Cruz que Toim caía na dança não. Era em quadrilha e em todo tipo de comemoração que ocorresse no Capoeirão. Com o passar dos anos e a morte do vovô Tonhê, a comissão da festa

composta por Toim, Balico e Valdo tomaram uma decisão. Pedro Leão Barbosa (sobrinho de Procópio), o primogênito de Balico que já alçava a fase adulta, foi o escolhido para substituir o Toim. Ele conta que seu tio o chamou no dia 23 de maio de 1979, enquanto acontecia mais uma edição da Festa de Santa Cruz, e disse que quem ia leiloar agora era Pedro. O jovem de 30 anos foi pego de surpresa. Pedro não esperava que receberia tal responsabilidade, e ainda mais durante o evento. E foi assim durante alguns anos, Toim leiloava até certo ponto da Festa e depois passava para o sobrinho. A verdade era que Pedro estava sendo preparado pelo tio para assumir de vez sua função. Uns três anos antes de morrer, Toim já havia deixado os leilões sob total responsabilidade de Pedro, que por sua vez, depois de mais de 40 anos, também já anuncia a aposentadoria do ofício que carrega desde de jovem.

Atualmente, Pedro já ultrapassa a marca dos 70 anos de vida e fez os leilões da Festa por mais de quatro décadas. Há dois anos, ele colocou um marca-passo no coração e mesmo sem gostar de beber e fumar, está com os pulmões comprometidos. Por conta do tempo que passou ajudando na Festa de Santa Cruz, acabou ingerindo muita fumaça na hora de preparar os doces. Com a saúde um pouco debilitada, ele vive com sua esposa cuidando de suas fazendas e animais

de forma tranquila e cautelosa. Pedro do Balico segue à procura de um sucessor.

E não é só de Festa da Cruz que vive a religiosidade dos Silva Leão, pois as celebrações acontecem apenas nos últimos dias. A novena que antecede a festa é marcada com uma procissão na região da Fazenda Atoleiro, até chegar na capelinha que fica ao lado do local da festa. Ao conversar com Maria do Balico, ela conta que seu pai era responsável pela confecção das velas de forma tradicional para a procissão que antecede a festa. Ela diz sentir falta dos seus tempos de infância, onde para ela a festa tinha muito mais emoção. Foi possível perceber a felicidade dela ao contar dos tempos que ia à festa todos os anos. Maria se recorda do sanfoneiro tocando à noite, das mulheres rezando na igreja, das crianças que iam “tomar benção” dos homens que ficavam sentados no banco conversando. Cada detalhe que Maria conta é recheado de emoções e lembranças que, apesar do tempo, aparentam estar muito fortes para ela.

Mas não é só para os mais velhos que a memória da festa se mantém forte. As crianças que tiveram a oportunidade de vivenciar uma Festa de Santa Cruz não esquecem a sensação de estar naquele galpão abarrotado de gente. Uma prova disso é Helena, 10 anos, e Olívia, 6, netas de Maria do Valdo. As duas

meninas, filhas de Lidiane e Júnior, amam a farra. Por ser a mais velha, Helena teve a oportunidade de aproveitar o evento mais vezes que a irmã. A jovem tem cabelos claros e uma animação que contagia qualquer um que se aproxima. Olívia não é diferente da irmã, só um pouco mais jovem e com um sorriso banguela. A irmã mais velha conta que o bom mesmo é ver aquele tanto de gente reunida.

Segundo Maria Emília, a festa de Santa Cruz até meados da década de 1970 era liberada apenas para familiares serem os festeiros. No entanto, no ano de 1977, Balico, e seus dois irmãos, Valdivino e Antônio, decidiram passar a responsabilidade da comissão para os mais novos, seus filhos, pois já estavam cansados da trabalheira que o evento dava. Com isso, nesse mesmo ano, Balico, foi o último festeiro a realizar a festa ainda nesse modelo mais tradicional. Os três irmãos, ao passarem a responsabilidade, deixaram claro que eles poderiam alterar o evento como preferirem. Dessa forma, a decisão tomada foi abrir para festeiros de outras famílias. Apesar de tantos anos depois, e dessa liberdade de anfitriões, a festa de Santa Cruz, continuou acontecendo no Capoeirão com a preparação sendo feita com a ajuda da família Silva Leão.

Com essa “abertura” na década de 1990, a festança começou a crescer mais e a se popularizar por

todo o estado de Goiás. Por conta disso, a festa acabou tomando rumos descontrolados. Vem gente de tudo quanto é canto do Estado para comer, dançar e aproveitar a farra. Quando visitei Cumari, o que mais ouvi foi que a Festa vai acabar, ou até mesmo que já acabou, e que não sabem quem pode conduzir o evento se algum dia voltar a acontecer. E isso não tem nada a ver com aquela lenda da mulher de Catalão. O real motivo se dá porque os atuais netos do vovô Tonhê, que são os responsáveis pelo evento, estão cansados e já anunciaram aposentadoria. Vamos ver o que o futuro aguarda depois da pandemia.

Festeiro é o que não falta!

A cada ano, a Festa de Santa Cruz tem um festeiro diferente, que fica responsável por bancar todas as despesas, “comandar” o evento e, conseqüentemente, ficar com todo o lucro. Por ser uma festa que já ultrapassa seus 100 anos, a verdade é que ninguém se deu ao trabalho de anotar quem foram todos os festeiros do evento ao longo da história. Após falar com muita gente, cheguei até Guilherme Aguiar, neto de Minervina e Gumercino, ou seja, bisneto do Alvino (irmão de Procópio). Ele garimpou algumas datas com familiares e fez seus próprios registros, que estão descritos abaixo.

Ano

Festeiros

1952

João Chico

1968

Necó e Fiica

1953

Alvino e Benzica

1969

Benedito

1958

Procópio e Cilezia

1970

Chico Alvino

1959

João e Erondina

1971

Bastiãozinho

1960

Valdo e Neném

1972

Nê

1961

João Lorica

1973

Miguel Vieira

1962

Geraldo Diola

1974

Valdo e Nenê

1963

Zeca

1975

Toinho

1964

Nego Belo

1976

Balico

1965

Alvino e Benzica

1977

João Lorica

1966

Toinho

1978

Zé Necó

1982

Bastiãozinho

1983

Pedro Decá

1984

Adair e Aparecida

1985

Antônio Neto e Elia-
be

1986

Pedro e Cacilda

1987

Maria do Tio valdo
e João Galinha

1988

João Lorica

1989

Benedito Coelho

1990

Jove

1991

Liu

1992

José Eduardo
Pedro do Deca

1993

Gumercino e
Minervina

1994

João Lorica

1995

Lazaro Caetano

1996

Eduardo e Célia

1997

João do Bar e
Maria Helena

1998

Orlando

1999

João Lorica

2000

Adalcino

2001

Velomar e Neusa

2002

Vilmar e Vera

2003

Antônio e Sônia

2004

Marila e João

2005

Zé Gato

2006

Gilson e Ana

2007

João e Ana

2008

Walter e Selma

2009

Júnior e Selma

2010

Eduardo e Célia

2011

Giovane e Lucimeire

2012

Ricardo e Rosimar

2013

Dito Lorica e Maria
Helena

2014

Lindolfo e Luciene

2015

Celso e Miris Marcia

2016

Irismar e Carmem

2017

Adelino, Fernanda e
Ana Luiza

2018

Antônio e Nizia

2019

Henrique e Gil

2020

João Jr. e Kamila
(Não teve festa por
conta da Pandemia
do Covid-19)

2021

(Não teve festa por
conta da Pandemia
do Covid-19)

Nas primeiras edições da Festa, apenas a novena era rezada no local, pois o evento acontecia todos os anos na casa de um membro diferente da família Silva Leão, porque ainda não tinha um local próprio para sua realização. Por conta disso, quem não era dono de uma propriedade de terra, não poderia ser o festeiro do evento. Como se pode ver, de fato a Festa de Santa Cruz tem inúmeras histórias, e uma delas é a que foi contada por Maria do Balico ficou famosa segundo o trabalho de Daiane Gomes como a festeira “pão duro”. Mas calma aí, a história vai muito mais além do que se imagina e não é bem assim. De acordo com a jovem, a Maria foi festeira em um dos anos da Festa de Santa Cruz e queria mudar a tradição da festa, não distribuindo mais doces para a comunidade.

E é claro que segui os parâmetros do jornalismo e ouvi várias versões do mesmo acontecimento. A protagonista do ocorrido, Maria do Balico, conta que a história, na realidade, não foi bem assim. Segundo ela, nessa época ela vivia em Goiânia e tinha acabado de se divorciar quando decidiu retornar para a cidade natal, o município de Cumari. Com o seu retorno, o pessoal da sua família a procura de um festeiro de “enfeite”, a convidou para ser festeira do ano de 1992.

Essa nova proposta da família Silva Leão, iria acontecer somente neste ano, pois as instalações no

local da festa estavam bastante precárias e nunca sobrava dinheiro para reforma. O intuito era pegar praticamente toda a renda desse ano e usar para dar uma nova vista para o local. Como de costume, na Festa de Santa Cruz são distribuídos doces para toda a população, mas em 1992 não foi bem assim, e por isso, muita gente começou a chamar a dona Maria do Balico de pão duro. Já no ano seguinte, com todo o local reformado, tudo voltou ao normal. Ela conta que mesmo sendo a festeira, deixou a responsabilidade por conta da comissão e ficou o tempo todo ajudando os familiares na organização, onde se tornou responsável pelos frangos que iriam para leilão e na comida que ia ser vendida à noite.

A história da Dona Maria Emília é apenas mais uma das inúmeras que cada ex-festeiro carrega consigo. Infelizmente algumas datas estão vagas e não se tem nenhuma espécie de documento que comprove quem foi o festeiro em cada ano, mas de uma coisa posso dizer: todos os Silva Leão, exceto a Dona Inhá, foram festeiros pelo menos uma vez na Festa. Mas e a comida que era servida na festa? Quais eram as famosas receitas na região que deixam todos com água na boca?

Receitas de família: Humm, que delícia!

Que a família Silva Leão é famosa na cidade de Cumari, a gente já sabe não é mesmo? Mas um dos carros-chefes da família é, sem dúvida, seus famosos doces, aqueles que são distribuídos na Festa de Santa Cruz todos os anos, lembra? E o mais incrível desses doces é que tal habilidade na cozinha foi passada de geração em geração para as mulheres da família. Consegui algumas receitas guardadas à sete chaves e vou contar um pouquinho delas a seguir.

Doce de Leite

Segundo registros históricos, a origem do doce de leite é incerta, mas é uma das iguarias mais apreciadas na América Latina. Na Argentina, por exemplo, é considerado até “Patrimônio Cultural Alimentar e Gastronômico”, o que acabou dando origem ao Dia Mundial do Doce de Leite, que é comemorado a cada 11 de outubro. No Brasil, a maior produção está localizada em Minas Gerais e em uma cidade de Pernambuco, chamada Afrânio, onde o famoso doce também foi oficializado como patrimônio local.

O historiador argentino Daniel Balmaceda, autor do livro *A comida na história argentina*, revela a existência de uma lenda em seu país sobre a origem do doce. Dizem que no ano de 1829, a cozinheira do governador da Província de Buenos Aires, Juan Manuel de Rosas, esqueceu leite com açúcar no fogo, e assim surgiu o doce de leite. Mas é apenas uma lenda, pois segundo o historiador, também em 1814, já havia cartas pedindo doce de leite de Buenos Aires para Córdoba. E em um banquete no ano de 1817, o general Lavalle e seu exército foram servidos com doce de leite. Já na França, há uma história que atribui a criação dessa delícia até ao cozinheiro de Napoleão Bonaparte. Agora eu vi, viu?

Balmaceda deixa claro que para ele, a origem do doce veio, de fato, de muitos séculos antes, mais ou menos por volta do século 6, na Indonésia, onde ele era preparado e co-

mido. A partir daí, em meados do século XVI, essas ilhas do Oceano Pacífico caíram sob domínio espanhol e a tradição de fazer o doce veio parar aqui na América, especificamente na região de Acapulco, no México. Como dá para perceber, o doce tem muita história para contar, muito antes do que a gente pode imaginar...

O doce da família Silva Leão, porém, tem um diferencial. A iguaria produzida na região do Capoeirão é clarinho, clarinho, quase da cor de areia de praia. Um tom que quase não se vê nos doces de leite tradicionais, o que indica que essa receita tem realmente algum ingrediente secreto... Mas vamos para a receita da família, que foi contada por dona Maria da Inhá. Anota aí:

Ingredientes:

- 10 Litros de leite
- 1 Litro de açúcar
- Um pouquinho de pó Royal ou bicarbonato de sódio

Mas preste atenção, que não basta só anotar os ingredientes, tem que mexer BASTAAAAAANTEEEE e, é claro, não deixar queimar. Ah, mais uma coisa: dizem que a receita só funciona quando é feita por algum membro da família Silva Leão.



Na primeira e segunda foto: preparo do doce de leite em uma das edições da festa. Na terceira imagem é o doce de leite já pronto.

Doce de Laranja Lima-de-Bico

A laranja lima-de-bico é uma fruta cítrica da família das limas, que possui um formato de bico em um dos lados. O motivo do nome é simples: por se parecer com o bico dos seios, nomearam a fruta assim. Ela possui propriedades diuréticas e tem um sabor adocicado, com uma leve tendência ao amargo em seu bagaço²⁴. Na Festa de Santa Cruz, ela é utilizada para preparar um tipo de doce muito popular entre os participantes. Veja como é feito:

Ingredientes:

- Laranja lima-de-bico
- Água
- Açúcar

Separe as laranjas, descasque e deixe durante 3 dias na água, para que elas estejam bem limpas para a próxima fase do processo. Depois do tempo de molho, pegue as frutas e lave mais três vezes com água. Quando as laranjas-lima estiverem limpas, misture com açúcar em um tacho e cozinhe até a calda pegar uma boa consistência.

24 Mudas de lima-de-bico. Viveiro ambiental, s/d

Preparo do doce
de laranja-lima
-de-bico em
umas edições
da festa.



Doce de laranja lima-de-bico

Doce de Mamão

O doce de mamão foi uma receitinha passada por Waldecil Silva, e assim como a maioria das receitas, é preciso um pouco de paciência para alcançar o

resultado esperado. Os ingredientes são poucos, então anota aí do que você precisa:

- Mamão
- Açúcar
- Água

A quantidade de componentes varia de acordo com o tanto de doce que se pretende fazer. Após separar os mamões, o segredo é saber lavar e cortar da forma correta, cerrando ao meio e retirando as sementes. Depois de toda essa preparação inicial, é necessário colocá-los em um freezer por 8 dias. Com o mamão semi-preparado e bem limpo, o próximo passo é ferver a fruta em um tacho com água. Esse mesmo procedimento é feito por quatro vezes, até o mamão encontrar o ponto certo do doce.

Doce de mamão



Doce de Pau de Mamão com Coco

Que a Festa de Santa Cruz encanta várias gerações e é recheada de gostosuras já sabemos. E comida é o que não falta nesse evento. Mas será que com tanta comida assim, há desperdício? Pelo contrário, toda comida feita na festa ou é vendida ou doada a toda população, com direito a levar para casa e tudo, ou utilizada no preparo de outras iguarias, como é o caso do doce de pau de mamão com coco. Nesse doce é utilizado o caule da árvore de pé de mamão, mas esse não é o único ingrediente. Vai precisar de:

- Caule de mamoeiro
- Água
- Açúcar
- Coco ralado
- Sacos e lata

É necessário cortar o caule da fruta, lavar bem com água abundante, ralar e colocar em sacos. Depois de um certo tempo já separado, é preciso lavar mais uma vez e mexer bastante em uma panela. Com o doce semi-pronto, se separa o caule ralado com açúcar em uma lata. Na hora de cozinhar, não se esqueça de mexer muito e provar algumas vezes para

saber se está bem cozido. E assim como todos os outros pe-
tiscos que são servidos na folia, quem está na cozinha, tem
que provar para saber se o ponto está certo. Se uma pessoa
disser que está ruim... é porque alguma coisa está faltando.
O coco é acrescentado com o doce já quase pronto.

Etapas do
processo de
preparo do
doce de pau de
mamão com coco



Doce de Figo

O figo é um fruto da árvore chamada figueira, que tem origem na região do Mediterrâneo. Uma figueira pode medir entre 3 e 10 metros de altura, enquanto o fruto é bem pequeno e pode ter de 3 a 7 centímetros. Existem registros que o figo era consumido desde a Antiguidade por egípcios, judeus, gregos e romanos. Já no Brasil, ele chegou por meio dos portugueses, no século XVI, tendo destaque o cultivo na região de Valinhos, no interior de São Paulo, e na região Sul do país²⁵. Seu cultivo é mais destinado à indústria, para a fabricação de compotas e geleias. Ouvi dizer que esse é um dos doces mais difíceis de se fazer. E é o meu favorito. AMOOOO um doce de figo. Dona Nairdes contou que para o doce ficar bom, demora três dias. Se for fazer de qualquer jeito, dá para concluir o preparo em menos tempo, mas não fica a mesma coisa. Você vai precisar de:

- Figo

- Limão (mas só um pouquinho)

-Açúcar (depende do tanto de figo que vai utilizar)

25 Figo: tipos, benefícios e como comer. Mundo Educação s/d.

O segredo é limpar bastante os figos, cozinhar em tacho de cobre e ralar até ficar bem lisinho. E não se esqueça de ter bastante paciência. É como diz aquele famoso ditado: “a pressa é inimiga da perfeição”. Depois de limpos e cozidos, é recomendável cortá-los em formato de cruz e fazer a calda à base de açúcar.

Na Festa de Santa Cruz, também são servidos pratos salgados. Há a famosa macarronada, as populares batatas fritas, o delicioso tutu de feijão, as já mencionadas almôndegas, e um arroz branco que são as sensações da Festa.

Doce de figo
com doce de
mamão ralado



Almôndegas

O preparo das famosas almôndegas que ganham o coração de todos na Festa de Santa Cruz é bem simples, mas repleto de segredos. E não é por nada não viu, já comi almôndegas em diversos lugares, mas igual às da Festa de Santa Cruz, nunca vi igual. São uma delícia e encantam todos os moradores da região do sudoeste do estado. Para fazê-las, você vai precisar de:

- Carne bovina
- Alho
- Sal
- Pimenta
- Pimenta do reino
- Banha de porco

E não se esqueça que é necessário estar com a carne já moída, ou ter o seu próprio moedor em casa. Dona Maria Ferreira conta que depois de moer a carne, é a hora de temperar! Maria não revelou os famosos temperos, mas conta que tem um jeitinho especial de temperar a comida. E com a carne já temperada e moída, o pessoal responsável pelas

pelotas se junta para fazer as bolinhas. Com a turma toda reunida é hora de fritar na banha de porco! E haja banha, viu? Mesmo Dona Maria dizendo que não tem segredo pra fritar, acredito que deve existir uma forma especial que só os Silva Leão devem saber.



Preparo das
almôndegas
em uma das
edições da
festa

Tutu de Feijão

O Tutu de Feijão também possui origem incerta, mas durante o período colonial, com a rápida imigração e a chegada de escravos, as cidades ficaram superlotadas, o que acabou contribuindo para a falta de alimentos. E foi aí que o feijão se popularizou. Mas é importante lembrar que desde as primeiras incursões dos bandeirantes ao interior das Minas Gerais, a receita era feita pelos escravos, que aproveitavam o caldo, que ficava no fundo da panela de cozimento do feijão, e engrossava-o com farinha de mandioca. Com sua popularidade, passou a ser um alimento dos tropeiros e subiu de “status”, indo parar na mesa do senhor branco, na qual foram incorporados outros ingredientes. Mas o que de fato interessa aqui é a receita da família Silva Leão, não é mesmo?

- Feijão
- Sal temperado com alho
- Pimenta
- Cebola
- Pimenta do Reino moída
- Molho de tomate
- Banha de porco
- Farinha de mandioca

Depois de misturar todos os ingredientes, o segredo é dar o ponto certo e provar quantas vezes for necessário. A prova é crucial para saber se está faltando algum ingrediente. Há só mais uma coisa: a quantidade de temperos varia de acordo com o quanto de tutu de feijão você pretende fazer. E eu preciso dizer que para essa receita ficar 100% tem que ter um toque especial de alguém da família? Acho que não, não é? Outra coisa que me chamou a atenção demais na tradição da festa, é que todos precisam aprovar o prato.

E não são só os doces e a comida salgada que fazem um tremendo sucesso. Tem as quitandas também, que são de dar água na boca. E mesmo não sendo servidas no dia da Festa, é tradição que toda casa de um Silva Leão tenha que ter, prontos para servir. A receita da rosca foi ensinada por Maria da Glória e a do pão-de-queijo quem ensina é Maria Ferreira.



Preparo do tutu de feijão em uma das edições da Festa de Santa Cruz.

Rosca

Como existe tudo quanto é tipo de rosca, é muito difícil identificar onde realmente tal alimento surgiu, mas vai aí uma receitinha sensacional para tentar em casa.

- 1 kg de farinha de trigo
- 3 ovos
- 1 chávena de açúcar
- 1 copo e meio de água morna
- 1 sachê de fermento granulado
- Um pouco de óleo
- Um pouquinho de sal

Depois de misturar todos esses ingredientes, é preciso deixar crescer por mais ou menos uma hora. E é importante prestar atenção também como está o tempo. Se estiver calor, a rosca pode crescer mais rápido.

Pão de Queijo

E quem não gosta de comer aquele pãozinho de queijo de manhã cedo antes de ir trabalhar ou ir pra faculdade? Só de pensar, acho que vou ali comer um pão-de-queijo, viu! Mas você sabe a origem dessa iguaria famosa no Brasil? Ela também tem origem incerta. Existem relatos de que teria sido criada em Minas Gerais, por volta do século XVIII, quando as cozinheiras das fazendas utilizavam em suas receitas de pães a farinha de mandioca no lugar da farinha de trigo, que era trazida pelos portugueses.

Elas cozinham para os senhores e, junto com o polvilho, eram adicionados os queijos que sobravam e endureciam²⁶. E assim, as cozinheiras misturavam também os ovos e o leite, enrolavam toda a massa e assavam. Outra história afirma que a receita surgiu no período da escravidão, a partir da junção dos ovos e do leite com a mandioca e o queijo. Mas essa delícia querida por muitos brasileiros apenas se popularizou no Brasil depois de 1950, coincidentemente junto com o desenvolvimento de quitandas como broas, bolos e biscoitos. Agora vamos dar uma espiadinha na receita?

- 4 copos americanos de polvilho doce

26 Você conhece a história do pão de queijo?. Massa madre, 2017

- 1 copo americano de água
- 1 dedo de óleo
- 2 copos de queijo ralado
- Ovos o quanto precisar

Preparar a receita do pão-queijo é bem simples. Basta colocar numa gamela grande todos os ingredientes e misturar bastante. O segredo é “massagear” a massa com as mãos e saber o ponto certo para enrolar. Para “enrolar” o pão de queijo, basta passar óleo nas mãos e fazer um leve movimento na massa como se estivesse fazendo uma bolinha.



Pão de
Queijo
feito com
a receita
da família
Silva Leão

Requeijão

O requeijão não tem uma receita certa e é uma iguaria cujo preparo é guardado à sete chaves pela família Silva Leão. Dizem que o requeijão só se aprende a fazer VENDENDO. Não adianta pegar receita, ter os ingredientes em mãos, porque o negócio não é fácil, não! Mas, claro, se você for um Silva ou Leão, ou um Silva Leão, já está com meio caminho andando. Segue a receita:

- 20 litros de leite

Sim, por incrível que pareça, essa receita tem apenas um único ingrediente. Mesmo assim, o modo de fazer não é nada fácil, mas vou tentar explicar aqui. Preste atenção!

Despeje o leite sobre o tacho e o deixe coalhar durante um dia. No dia seguinte, depois desse tempo para descanso, tire toda a nata do leite e a frita. Isso mesmo, você frita a nata do leite!!! Estranho, não é? Também achei! Voltando para a receita, a nata vai soltando uma espécie de manteiga, que deve ser separada e reservada para a última etapa do processo. Lembra daquela parte que talhou? Então, ela deve ser lavada e posta no fogo, onde o segredo é ir colocando leite até dar o ponto. O ponto vai ser quando o leite parar de talhar e não azedar mais. A massa vai se parecer bastante com uma muçarela, só que um pouco mais mole.

A partir de agora, o requeijão já tá quase pronto. Agora é só pegar um pedaço desse produto, envolver em um pano e espremer. Depois de bem espremido, pegue aquela manteiga que ficou guardada lá atrás e a despeje juntamente com o pedaço que foi espremido. Misture os dois e mexa bastante na panela. Te falei que a receita não era nada fácil? Os 20 litros de leite darão mais ou menos de 4 a 5 requeijões de 500 gramas cada.



Maria da Inhã preparando requeijão.

PARTE 3

Procurando Procópio

A terra da pimenta!

Com a intenção de vivenciar de perto um pouco dessa história e ter um contato melhor com o local onde tantos dos episódios aqui narrados se passaram, visitei as cidades de Ipameri, Catalão, Goiandira e Cumari, ao longo de três dias. Foi uma viagem rápida, corrida e ao mesmo tempo bastante produtiva, na qual foi possível obter muitas informações. Estava acompanhada da minha mãe, Noykarla Evangelista, e de meu irmão mais novo, Matheus Gandra. Saímos de Goiânia no amanhecer de uma sexta-feira, rumo a Cumari. Fizemos um mapa do trajeto e fomos com a certeza de que tudo daria certo.

Geralmente quem nos acompanha na direção numa viagem longa como essa, é o meu pai, mas dessa vez não teria como ele ir por conta do trabalho. O trajeto em si, até chegar ao ponto final, passa por várias cidades, o que acaba tornando a viagem alegre e divertida. Passamos por Bela Vista, Cristianópolis, Pires do Rio, Santa Cruz, Palmelo, Urutaí, Ipameri, Catalão e Goiandira até, por fim, chegar a Cumari, a localidade onde as duas famílias que formaram o clã Silva Leão se encontraram.

Nossa primeira parada foi em Ipameri, onde se localiza a 23ª Companhia de Engenharia de Combate, unidade do Exército brasileiro, onde meu avô Procópio, o grande protagonista desta história, se alistou. É um local enorme, barulhento, cercado por um muro branco e por uma grade de cor azul. Confesso que fiquei esperançosa, pois quando estive no Exército, em Goiânia, fui muito bem recebida, mas em Ipameri, não foi da mesma forma. Os soldados que ficam próximos ao portão nem nos deixaram entrar. Disseram que estava acontecendo uma espécie de formatura e não seria possível nos receber. Uma alternativa seria retornar um pouco mais tarde e tentar entrar, sem dar nenhuma esperança. Resolvemos seguir viagem.



23ª Companhia de Engenharia de Combate em 2021

Realizamos outra parada, agora em Catalão, no Museu Cornélio Ramos, sediado onde antes se localizava a estação ferroviária da cidade. Catalão é o maior centro urbano da região, com ladeiras, uma verdadeira montanha russa, bastante movimentada e cheia de gente. Visitamos o museu e conhecemos um pouco da história de Catalão e da estação de trem. Foi uma passagem rápida e pouco produtiva.

Seguimos para Goiandira, uma cidade menor e com quase ninguém pelas ruas. Se em Catalão foi tudo muito rápido, em Goiandira foi pior ainda. Paramos apenas para abastecer o carro e comprar o almoço. O restaurante se chamava “Pelanca”. E é nessa hora que eu fiz um pouco de drama e disse que não queria comer num restaurante com esse nome. Mas não teve jeito. O moço do posto disse que lá era bom e confiável, compramos o almoço e torcemos para a comida ser realmente boa. Aposto que você ficou curioso pra saber se compensa comprar a comida no Pelanca? Sim, apesar do nome pouco convidativo, a comida era boa! Claro que não se compara com as delícias que comemos nos dias seguintes no Capoeirão, mas deu para almoçar tranquilamente.

Chegamos à terra da pimenta! Cumari é conhecida desta forma pois o nome da cidade é um termo indígena, originado de uma planta nativa da região,

a pimenta cumari²⁷. Ao chegar no nosso destino, estava tudo muito quieto, quase sem ninguém pelas ruas. Fomos diretamente para a Prefeitura, pois o medo de estar fechada era grande, mesmo sendo sexta-feira. À primeira vista, não havia ninguém no local, pois possivelmente era o horário de almoço. E olha que a gente tomou um baita susto, pois as portas estavam encostadas e não tinha uma alma viva lá dentro. Mas mesmo assim, não posso deixar de dizer que é um local bastante organizado, limpo e que parecia ter sido reformado recentemente, além de ter uma escada enormeeee que liga a porta de entrada, um jardim colorido e florido ao redor, repleto de flores rosas e vermelhas.

O fato de a Prefeitura estar fechada mudou um pouco o rumo da viagem. Resolvemos seguir direto para as “visitas” aos parentes, onde captaríamos histórias, fotos e mais memórias para incluir neste livro. Nossa primeira visita foi à casa de Roselita Teodora Silva Leão. O nome Teodora é em homenagem a sua avó, Maria Teodora de Jesus, mãe de Procópio. Ela nos contou algumas histórias de seu pai (Antônio Silva Leão – Toim) e nos mostrou algumas fotos. Roselita é baixa, com cabelos cacheados e usava uma Crocs de cor lilás, pois havia quebrado o pé há pouco tempo

27 História da cidade de Cumari. Prefeitura de Cumari, 2017

e dizia que a sandália era super confortável. No início, ela não nos reconheceu, mas logo bateu um longo papo conosco.

Como já havia passado um certo tempo, decidimos retornar para a Prefeitura e dessa vez tinha gente. Quem nos atendeu foi Márcia, Secretária Executiva da cidade. Obviamente ela conhecia meus avós desde de quando ainda era criança. Contou que dona Cilezia e seu Procópio formavam um casal bastante respeitado na cidade e nos encaminhou para a Luciene, que é responsável por uma das secretarias do governo de Cumari, pois o Secretário de Educação estava em Goiânia cuidando do pai que se recuperava de uma cirurgia. Pedimos para ela abrir a antiga Estação de Trem de Cumari para vermos as fotos que havia no local.

Agora, para seguirmos adiante, preciso explicar uma história um pouco frustrante. Salvino, um dos irmãos do meu avô, é pai do Moacir, sobrinho de Procópio. Moacir pegou fotos e objetos de muita gente da família, inclusive de Procópio e do pai do Secretário de Educação da Prefeitura de Cumari, com a premissa que iria montar uma exposição e um livro, mas nunca deu o ar da graça de aparecer de novo. Moacir faleceu e até hoje aparecem pessoas atrás dos objetos e fotos que ele recolheu e não devolveu. Tive que contar essa história agora, pois foi assim que aconteceu com algumas fo-

tografias que estavam na Estação de Trem de Cumari.

Luciene nos encaminhou para a casa das cunhadas de Moacir, que também afirmaram que ele pegou fotos delas e nunca as restituiu. Chegamos a entrar na Estação de Trem, mas tinha apenas fotografias de eventos atuais, o que não adiantou muita coisa. Atualmente, a estação ferroviária de Cumari não funciona como antes, mas o prédio histórico se mantém lá, guardando inúmeras memórias. No local também deveria haver algumas fotos que meu avô doou, mas muitas ficaram desgastadas com o tempo e não sabem onde foram guardadas.

Já o município de Catalão ainda mantém sua estação ferroviária e ela continua a presenciar seus trilhos ocupados. Duas vezes por dia, o trem-de-ferro passa por uma linha que corta a cidade, levando minérios. Realmente é só de passagem, porque ele não para. Na estação está localizado o Museu Cornélio Ramos, que tem esse nome para homenagear o homem que foi chefe da estação ferroviária de Catalão durante 23 anos.

Ao longo dos dias, visitamos a casa do maior número de pessoas que conseguimos. Tudo foi bastante corrido, mas com muitas histórias recheadas com comidas de dar água na boca. Começamos por Maria do Valdo e João Galinha, na residência de quem ficamos hospedados. Fomos também na Cacilda e no Pedro,

na Waldeci e na Valdina, no Antônio Neto e Eliabe (esposa de Antônio Neto), na Lidiane e no Júnior, na Maria da Inhá e no seu Manoel Agapito.

A verdade é que a Cumari que conheço não se parece com a mesma cidade que todas essas pessoas resgatam de suas memórias. Afinal, não vivi o mesmo tempo que eles e de fato precisei retornar muito ao passado para escrever este livro. Mas uma coisa é certa: a pequena Cumari é uma cidadezinha que tem inúmeras histórias da família Silva Leão. Mas o que me motivou de fato a escrita deste livro, foi contar a história de meu avô, que nasceu, cresceu e viveu muitos anos de sua vida na cidade de Cumari.

Conhecendo minha vovó...

“Cilezia Maria Gonçalves” foi o nome de solteira que foi dado para minha avó, mas ao se casar com Procópio, passou a se chamar: Cilezia Gonçalves Silva. Ela foi a única testemunha ocular de grande parte desses fatos e esteve conosco até praticamente a finalização deste livro. Ela alcançou 90 anos de idade em julho de 2021 e foi a matriarca da família durante muitos anos. Infelizmente dona Cilezia, como muitos a chamavam, faleceu na manhã do dia 4 de outubro de 2021. E como autora deste livro, foi muito difícil continuar este projeto sem ela, mas com a intenção de homenageá-la, segui adiante.

Nascida na cidade de Formigas, no interior de Minas Gerais, assim como a vovó Fia, sua sogra, saiu de sua cidade natal ainda pequena com sua família. E adivinhem onde foi parar? Pois é, em Cumari. Ela era uma mulher magra, baixa, boa de conversa e que adorava cuidar de suas roseiras. Dona Cilezia se casou muito cedo com meu avô. Ela tinha 16 anos e ele quase o dobro de sua idade, 29 anos. Isso tudo aconteceu em 1947, dois anos após ele retornar do Exército, onde estava em treinamento e, posteriormente, à espera de entrar ou não em combate durante a Segunda Guerra Mundial. Ele ficou em Iguape, interior de São Paulo, de prontidão caso fosse neces-

sário o envio de mais tropas para a Europa. Procópio voltou a ser sargento do Exército e não quis seguir carreira militar. Mas aguenta um pouquinho aí, que isso é outra história, que vou explicar melhor mais à frente.



Registro do casamento de Cilezia e Procópio.



Fotos do casamento de Cilezia e Procópio, em 1947. Cilezia tinha 16 anos e Procópio estava com 29 anos. O vestido da moça como de costume é branco e cobre toda a parte do tórax, não deixando nenhuma parte do corpo à vista.

Minha avó era filha de pais trabalhadores, com sete irmãos, sendo seis mulheres no total (contando com ela) e um homem. Cirene, Maurino, Cilezia (minha avó), Cirleide, Cirlene, Celi e Célia vieram com seus pais ainda pequenos para a pequena Cumari. Maurino era o único homem no meio das sete mulheres, e, quando adulto, seguiu trabalhando na Estação de Trem de Cumari até vir para a capital, Goiânia.

Das outras irmãs, todas têm uma personalidade distinta, gênio forte e cabelos curtos, acima do ombro. A jovem recebeu “boa educação”, como diria em outros tempos, pois estudou desde pequena em um colégio de freiras, juntamente com suas irmãs, onde passou boa parte de sua infância e aprontou bastante travessuras. Dona Cilezia contava que a família dela “alugava” as terras de seu futuro sogro para poder produzir hortaliças para vender. José Antônio Miranda Gonçalves, seu pai, era conhecido em Cumari como Zé Gaúcho, pois veio do Rio Grande do Sul.

Ele encaixotava as verduras e ia para a linha de trem enviar para diversos destinos sua produção. Uberaba e Uberlândia eram dois desses lugares. Como ele alugava as terras de Antônio Silva Barbosa para vender as hortaliças, às vezes acabava almoçando na casa dele.

Com essa espécie de relação que foi se construindo entre as duas famílias, acabou gerando uma certa

aproximação. Procópio, que já frequentava a casa da minha avó e que se tornou muito amigo daquele que viria a ser seu sogro, acabou se interessando pela jovem moça que estudou em internato grande parte da sua infância. Não demorou para pedir a mão a seu pai. E até os últimos momentos de sua vida, em minhas prosas com a dona Cilezia, ela contava direitinho quando de fato eles se conheceram. Ela dizia que estava sentada na área de sua casa usando um vestido de bolinhas, enquanto brincava de boneca com as irmãs. Procópio apontou para a jovem moça e disse que queria se casar com ela.

No primeiro momento, o pai da jovem pediu que ele esperasse um pouco para poderem se casar, pois ela ainda era muito jovem, mas quando completou seus 16 anos, aconteceu o casório. O casamento, aconteceu no ano de 1947, foi uma festança que só vendo, que durou 7 dias. Veio a doceira até a cidade de Ipameri, que é um município próximo a Cumari, para ajudar em tamanha comemoração. Dizem que mataram muitos porcos, vacas, e comida era o que não faltava ali. Depois de uma semana de comemoração, meus avós partiram para a lua de mel, na cidade de Uberlândia, Minas Gerais.

Minha avó, assim como várias outras senhoras da mesma geração dela, conta que meu avô era um

verdadeiro galã quando jovem. Um rapaz jovem, bonito e bastante simpático. Dizem até que era um homem bastante disputado. Imagino eu, que um jovem moço, que tinha acabado de retornar da Guerra, passava mais ainda a imagem de um homem forte, corajoso, aventureiro e bastante entendido das coisas. Um verdadeiro herói. Tudo isso aumentava a disputa das donzelas para se casarem com o jovem Procópio.

Mas voltando para a história dos meus avós...Juntos, os dois construíram uma verdadeira família. Eles tiveram sete filhos, sendo que 3 minha avó perdeu ainda durante a gravidez. Os outros quatro se chamam Antônio Carlos Leão (faleceu em 2020), José Carlos Leão, Maria da Glória Gonçalves Leão e Luiz Carlos Leão. Sim, dona Cilezia e seu Procópio tiveram a sua Maria e o seu Antônio, assim como a maioria dos irmãos dele, que também tinham filhos com os mesmos nomes de seus ancestrais, uma verdadeira tradição de família. Só que a Maria de Procópio, minha tia, tem um diferencial, um segundo nome, "Glória", o nome de sua avó materna, Glória Gandra Gonçalves. Segundo minha avó, ela queria que a sua Maria fosse diferente, e foi assim que aconteceu. E não foi só minha tia que herdou algum nome de Glória, pois o meu sobrenome, o Gandra, veio dela também. Meu pai amava esse sobrenome que a avó possuía e resolveu intitular a mim e a meus irmãos com ele.

Minha avó contou que seu sogro era “bonitão”, e que logo que se casou foi morar na casa com ele e sua sogra. Ela diz que se ela e o marido demorassem um pouquinho para acordar, seu Antônio logo começava uma sinfonia de barulhos até todos se levantarem. Era um pigarro pra cá, um pigarro pra lá e assim ia até despertar a casa inteira. UHUMM, HUMM UHUMMM!!!! Ela contava que nessa mesma época, o cunhado, Valdo, também havia acabado de se casar com Neném e foram morar na casa do vovô Tonhê. Isso mesmo que você leu. Dois casais de recém-casados morando juntos com seu Antônio e dona Maria de Jesus. Valdo e Neném se acomodaram na residência durante um mês, até a casa deles ficar pronta. Já Procópio e Cilezia ficaram um pouco mais, 3 meses, até se mudarem para a cidade de Cumari.

Já dona Maria de Jesus, a vovó Fia, foi uma mulher forte, robusta e um pouco baixinha. Esposa fiel, de muita fé, “rezadeira” e com um coração enorme. Ao mesmo tempo parecia uma mulher muito alegre, era brava e assim como seu marido, tinha seu jeitão peculiar. Ela o acompanhava em tudo. E comia de um jeito um pouco inusitado, com as mãos, de pouquinho em pouquinho, dispensando talheres e pratos. Preparava o almoço cedo e anunciava para sua maritaca. “O almoço tá pronto, o almoço tá pronto”, e a maritaca, esperta

que só vendo, repetia, e repetia, enquanto vovó Fia ia logo distribuir a comida pros peões da fazenda. Soube que quando dona Cilezia e Neném estavam morando com a sogra, ficavam com vergonha de comer perto dos peões, mas quando iam lavar as vasilhas, elas tinham um combinado: Cilezia rapava a panela de feijão e Neném a de arroz.

Dona Fia adorava se divertir com os netos e amava uma jabuticaba. Ouvi dizer que ela era uma vó-zona e não perdia uma quando o assunto era fazer gracinha com as crianças. Quando passava um avião no céu, ela dizia para eles correrem, porque o avião ia jogar balinha. E enquanto os netos estavam de costas, ela mesma as jogava para os meninos e eles ficavam tão alegres que nem se davam conta da proeza da avó. Até mandavam tchau para o tal avião.

Dona Maria de Jesus faleceu no ano de 1954, duas semanas depois de um dos seus netos mais novos nascer, no caso, o meu pai, Luiz Carlos Leão. E dizem que antes mesmo dele vir ao mundo, ela já estava muito doente e nem chegou a conhecer o neto, pois ele ainda era recém-nascido e tinham receio de que um contato entre os dois acabasse adoecendo o bebê também.

Até seus últimos dias, dona Cilezia usava em seu dedo anelar a aliança que era de meu avô, juntamente com a sua. Ela foi uma grande mulher, uma idosa

custosa e que tinha um coração tão grande que sou incapaz de descrever nessas poucas linhas. Nos últimos tempos, minha vó não saía de casa por conta da pandemia, estava com a saúde um pouco debilitada e algumas vezes até esquecia de algumas coisas. Além dos quatro filhos, tinha sete netos (Flávio, Fernanda, Janaina, Antônio Carlos Filho, Sarah (eu), Gabriel e Matheus), seis bisnetos (Flávio Filho, João Pedro, Andrey, Amanda, Izadora e Akilis) e ainda tinha muita história pra contar...

É, foram 90 anos muito bem vividos por dona Cilezia, e conseguir descrever todos os momentos seria impossível, e não caberia nestas páginas. Mas de uma coisa é certa, esse foi o local que Cilezia Gonçalves Silva conheceu a família Silva Leão, e construiu a família com seu marido, no famoso Capoeirão. Esse local que já existe há mais de 100 anos, realmente está cheio de memórias. Possivelmente não me contaram todas as histórias que cercam essa área que representa tanto a trajetória dos Silva Leão em Goiás, mas já deu pra perceber que esse extenso pedaço de terra abriga mais enredos do que se pode imaginar.



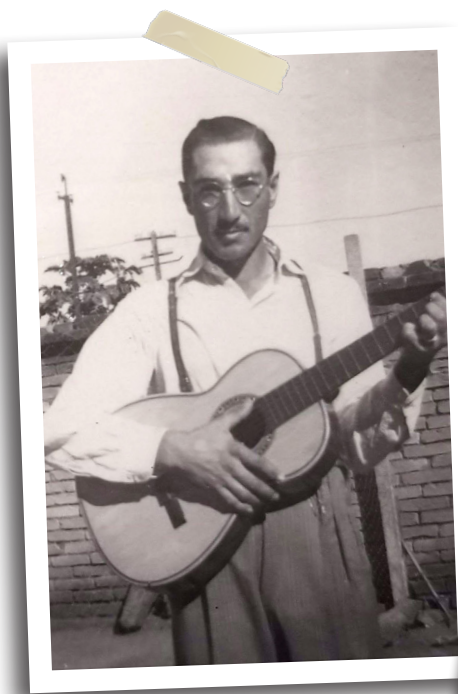
Cilézia Gonçalves Silva aos 15 anos, um mês antes de se casar com Procópio Silva Leão. Na parte de trás está descrito: "Pra meus queridos pais a Cilézia oferece com todo amor e carinho: Cumari, 29, 6 - 1947"

Procópio e seu amor por Cumari. E haja amor!

Conta-se que por volta da década de 1960 foi enviado um pedido feito pelos senadores para que meu avô fosse o novo prefeito da cidade de Cumari, por ser um homem muito bom para os moradores do município, com direito a chapa única. Em 1960, Coimbra Bueno, Costa Pereira, Frederico Nunes, José Feliciano (senadores estaduais), Pedro Ludovico, Juscelino Kubitschek e Taciano Mello (senadores federais por Goiás). Procópio não tinha interesse em assuntos ligados à política e indicou um amigo para a Prefeitura, que acabou se tornando o prefeito da cidade naquele mesmo ano. Mesmo não seguindo carreira política,

sua família foi sempre muito respeitada na cidade e bem vista pelos moradores da região.

E assim como qualquer outro membro da família Silva Leão, amava participar da Festa de Santa Cruz, que foi fundada por suas avós. E quando a festa era limitada a familiares, ele ficava responsável por tocar sanfona com seus irmãos no baile que acontecia à noite. Sim, Procópio tinha um lado musical muito presente. Sabia tocar sanfona, violão e alguns toques de trombeta, que aprendeu no Exército.



Procópio com violão em mãos. Na parte de trás: "Cilezia, ofereço-te esta simples recordação como prova de um sincero amor". Procópio Silva - Cumari - 11-8-1946"





Na primeira foto:
Procópio tocando sanfona.
Na segunda foto: Pedro,
Procópio, João Silva e
Carmindo Silva (Balico)
na Festa de Santa Cruz.



Procópio
vestido
com terno
em Cumari.

Em 1968, quando ele veio pra Goiânia com a família, Antônio Silva, seu pai, sentiu muito a falta de Procópio e, no prazo de dois meses, ele chegou a falecer. Procópio, mesmo não voltando a viver na cidade natal, voltava sempre que podia para reafirmar suas raízes e visitar seus irmãos e sobrinhos que ainda viviam em Cumari. Dizem que quando ainda morava na cidade tinha o costume de sair a pé e seguir a trilha pelo Capoeirão, até chegar em seu sítio. No local montava no famoso cavalo denominado de Machante, e seguia para a fazenda do irmão Balico, para almoçar. Depois de “filar a boia”, pegava Capoeirão adentro para a fazenda de Valdo, onde batia longos papos à tarde. Na volta, fazia o mesmo trajeto, só que dessa vez ao contrário. Saía de Valdo, passava por Balico, deixava o Machante no sítio e continuava a pé de volta para casa. Conta-se que dona Cilezia, sua esposa, não tinha o costume e nem gostava de acompanhar o marido, diferente dos filhos, que às vezes também faziam o passeio com o pai.

Procópio sabia fazer chicotes. É isso mesmo que você leu: CHICOTES. A palavra chicote veio do francês e significa: “ponta de corda de navio”, instrumento utilizado para “corrigir” condutas. Segundo minha mãe, serve também para “passar medo em menino”, e de fato era pra isso que servia o objeto em muitas

casas. Os que eram feitos por meu avô foram fabricados com um material reforçado, daqueles que duram a vida toda e dão uma chicotada doída. Cada chicote tem seu jeito e estilo, além de serem todos feitos à mão e com bastante cuidado. Geralmente a parte em que se segura é de madeira, enquanto o lado inferior é reforçado por couro de vaca. Mas aposto que você está se perguntando como se faz um chicote, não é mesmo? Eu também não sei, não. Mas segundo meu pai, eles eram produzidos com o couro ressecado da vaca, que Procópio às vezes ganhava ou comprava de algum conterrâneo. Com o material já seco, ele pegava as duas cerdas e as trançava. Juntava as duas partes e o chicote estava pronto.

A verdade é que não há em Cumari quem não tenha conhecido Procópio e não tenha ganho um de seus famosos chicotes. Em cada casa que visitei em Cumari, há um deles feito pelas mãos de Procópio, e em praticamente todas, o objeto está em local de destaque, como parte da decoração da casa. Meus pais também têm os seus, com nomes gravados e estilos diferentes. E pode ter certeza que se você perguntar a qualquer pessoa sobre esses chicotes, junto vai ouvir longas histórias que dão um gostinho de saudade. E cada um com seu jeitinho diferente. O de Maria do Valdo é um pouco excepcional, ela contou que a

parte de madeira foi feita por seu tio-avô Procópio e a parte de cima, que é responsável pelas chicotadas, foi meu avô. Ou seja, um chicote feito por dois Procópios. Chic, não é mesmo?

O que está com a Cacilda e o Pedro foi herança deixada por Balico. Procópio fez o belo chicote para o irmão e, assim que faleceu, o objeto ficou para o filho, que o guarda com tanto carinho até hoje. E assim como a maioria dos chicotes presenteados, tem data e algumas iniciais. Maria da Inhá tem um pendurado bem no banco de entrada. Este foi entregue a seu pai, Déca.

Os chicotes são prova viva de lembranças e memórias deixadas por Procópio e apenas comprovam que ele viveu bons tempos em Cumari. Como descrito anteriormente, a cidade é muito fria, e à noite a friagem toma mais conta ainda. Maria Ferreira, sobrinha de Procópio, conta que sua mãe lhe deixou um cobertor de lembrança. Esse pedaço de pano tem mais história do que se pode imaginar, ela conta que meu avô havia usado esse cobertor na guerra para se cobrir do frio, e logo que voltou do embate, levou o mesmo para Cumari. Ela diz que o jovem Procópio, deu o cobertor para sua mãe, tia Neném, para cobrir ela e seu irmão do frio. Ambos eram muito pequenos e não se lembram, mas Maria guardou o cobertor a vida toda.

A manta verde com tom bem escuro tem duas linhas marrons e é feita de um material reforçado que parece lona. Os cobertores feitos para proteger os soldados durante a guerra tinham que ser assim mesmo, para o caso de enfrentarem um clima muito frio. Eles precisavam estar preparados para qualquer situação. E como boa parte do Exército brasileiro partiu para a Itália, os cobertores foram mais do que úteis. O mais incrível é que mesmo depois de mais de 75 anos do fim da Segunda Guerra Mundial, o cobertor está intacto, como se estivesse novinho. É uma verdadeira relíquia, digna de museu. Tomei conhecimento dessa história em 2017, quando fomos para a cidade de Cumari para visitar a família e participar da Festa de Santa Cruz. Lógico que como futura jornalista e historiadora, sem dúvida me apaixonei pela história logo de cara, e com minha família não foi diferente. Eles se emocionaram ao ouvir esses relatos. Maria Ferreira entregou o cobertor para a minha tia, que o guarda com bastante cuidado na sua casa.

Já sobre o uniforme militar, segundo meu pai, havia um homem na cidade de Cumari que gostava bastante de objetos ligados ao Exército e meu avô doou grande parte de seus paramentos para ele, que ficou radiante com o presente. Dizem até que andava pelas ruas com a roupa e ficava vagando pela estação de

trem. Para a felicidade do homem, todos que passavam sempre prestavam continência a ele. Mesmo com as doações, alguns objetos se mantiveram com Procópio. A boina verde com o símbolo da tropa, o relógio de bolso, uma medalha, uma oração e um santinho com descrições de Iguape permaneceram com ele. A boina possui um material muito parecido com o que foi empregado na fabricação do cobertor. No mesmo tom de verde escuro, e é bastante confortável. E assim como o cobertor, ela está do mesmo jeitinho que se encontrava nos tempos da guerra, em perfeito estado de conservação.

O santinho é a figura de Jesus Cristo descalço, com um ramo nas mãos, em preto e branco. Ao seu redor, o ambiente é tomado de rosas vermelhas com galhos e folhas verdes. Além de um pequeno coração de pano vermelho com um laço verde e amarelo. Na parte de trás está descrito que é uma jaculatória cantada nas novenas do Senhor Bom Jesus de Iguape, com uma pequena oração. Procópio Silva também carregava consigo uma pequena oração que carregou durante a Segunda Guerra Mundial. Ambas as orações, Procópio carregou durante a vida toda na carteira e agora está com seu filho caçula, que guarda a lembrança do pai com tanto cuidado.



Jaculatória que Procópio carregou consigo enquanto estava em preparação para entrar em combate caso fosse necessário. Na parte da frente: "Bom Jesus de Iguape". Na parte de trás: "Em horas de aflição reze esta oração: Conservai-me Deus Pai guardai-me Deus Filho. // Defendei-me Deus Espírito Santo de meus inimigos. // Sejam destruídos pelo poder da Santíssima Trindade".

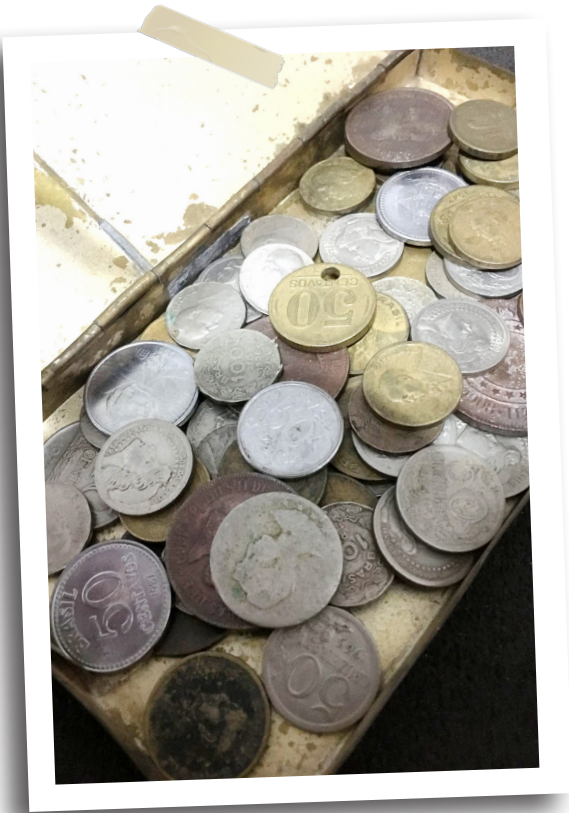


Oração que Procópio carregou na carteira durante a Segunda Guerra Mundial.

Apesar do tempo curto que Procópio permaneceu no Exército, descobri que ele sabia tocar trombeta e a entoava todos os dias ao acordar, juntamente com seu batalhão. Manoel Agapito conta a mesma história. Pelo jeito, o soar das trombetas marcaram a vida dos soldados. De acordo com Agapito, existia uma marcha para cada situação, mas a mais famosa e temida, com toda certeza, era a do silêncio, tocada apenas quando alguém falecia. Sua boina possuía um broche com o desenho do instrumento, objeto que está guardado até hoje. Na casa onde ele morava, onde atualmente minha avó continua morando, há um Diploma ao Mérito enviado pelo Ministério da Defesa e pelo Exército Brasileiro, em 08 maio de 2006, no 61º aniversário do Dia da Vitória, em homenagem por ele ter servido o exército brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com o Sargento Lopes, é comum os batalhões enviarem honrarias para os ex-combatentes como forma de agradecer e retribuir pelo ato heroico. Mas ressalte-se que tais honrarias, como essa, são apenas para ex-combatentes vivos. Procópio, assim como todos os brasileiros que serviram o Exército brasileiro durante esse tempo, são considerados Heróis de Guerra. Vale ressaltar que o diploma entregue a ele chegou seis meses antes de seu falecimento, possibilitando que ele tivesse a oportunidade de receber tal honraria ainda em vida.

Tantas histórias, tantas coisas vividas em seus 88 anos.... Nascido no ano de 1917, ou mais especificamente para alguns, no ano da Revolução Russa, serviu o Exército em tempos tão sombrios, mudou-se para a capital contra a vontade do pai, criou 4 filhos ao lado de sua esposa e teve uma vida longa com muitas experiências. Trabalhou até certa idade como fiscal, se aposentou pelo Exército, e carregou sempre consigo o bom humor e a serenidade. Além do temperamento calado, era bastante querido por todos, e não há quem não goste de Procópio.

Ao longo da vida, Procópio guardou consigo uma extensa coleção de moedas, muitas delas herdadas de seu pai. Os objetos de metal permanecem com os filhos de Procópio, do mesmo jeito que foram deixados por ele. Existem moedas de tudo quanto é tipo, desde Cruzeiros, Cruzeiros Novo, Cruzados, Cruzado Novo, até a era da chegada do Real. Moedas que são do período que o Brasil ainda era Colônia de Portugal, do início da República, dos tempos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e até da Ditadura Militar Brasileira. Mas não foram só as moedas que ele colecionava, pois também tinha um vasto número de notas que se estende por diversos períodos da história brasileira.



Coleção
de moedas
deixadas
por
Procópio

Do pouco que me lembro, passava o dia jogando paciência em uma mesinha de bar na área interna de sua casa. E na hora do almoço ia ajudar a filha (minha tia) a preparar gostosuras, cortando as verduras e ajudando com o tempero. Adorava fazer bolinho de arroz. Picava uma cebolinha e uma couve como ninguém e quando ia almoçar, enchia seu prato fundo

com molho de pimenta. Tirava uma soneca fácil, fácil, e quando adormecia, roncava muito, mas acordava no pulo com cosquinhas nos pés feitas pelos netos. Disso eu me lembro bem. Minha avó e minha tia sempre pediam: “Vai lá chamar seu avô que tá dormindo, faz cosquinha que ele acorda”. E olha que ele acordava pulando, era engraçado que só vendo.

Faleceu no ano de 2006, e foi realmente de uma hora para outra. Daqueles dias que quando tudo está normal e do nada acontece uma morte na família. Morreu depois de um ataque cardíaco e com as consequências dos 50 anos que fumou, o que gerou um enfisema pulmonar. Para o seu funeral, pediu que o Exército tocasse a marcha do silêncio e foi assim que aconteceu. Ao som de trompete, Procópio Silva Leão se despediu.

O maior confronto da História!

Agora para seguir adiante, caro leitor, é necessária uma contextualização histórica sobre como aconteceu a Segunda Guerra. O último grande embate mundial, teve seu início no ano de 1939, mais precisamente em 1º de setembro de 1939, onde as tropas nazistas alemãs de Adolf Hitler invadiram a Polônia, dando início à guerra. O confronto foi dividido em países do Eixo, que se tratava da Alemanha, Itália e Japão. Enquanto os Aliados eram França, Inglaterra, Estados Unidos e posteriormente União Soviética.

De início não se tinha nenhum vestígio que o Brasil poderia entrar em uma das tríplices. Por conta disso, surgiu até o famoso “bordão”, da Força Expedi-

cionária Brasileira (FEB) “Se o Brasil entrar na guerra, a cobra vai fumar”, pois é praticamente impossível uma cobra fumar, e eles acreditavam que seria impossível também o país entrar no embate. Mas não foi exatamente assim que aconteceu... O Brasil entrou na guerra!!! Com esse novo cenário, resolveram criar um novo slogan para o “ditado”: “A cobra fumou”, com imagem de uma cobra fumando um cachimbo.

O Brasil passou a participar do conflito a partir de 1942, durante o mandato do presidente Getúlio Vargas. E uma das partes mais curiosas da participação do Brasil na guerra é o fato de que Getúlio simpatizava com os ideais nazistas que estavam sendo empregados na Alemanha, a ponto de até enviar diversos judeus que estavam no Brasil para a Alemanha Nazista. Um dos famosos casos é o de Olga Benário Prestes, holandesa considerada judia e criminosa política para o governo nazista e getulista. Olga era esposa do famoso opositor a Vargas, o comunista Luís Carlos Prestes, e foi enviada pelo governo brasileiro para as mãos de Adolf Hitler após ser presa junto com o marido, que havia conhecido na União Soviética, quando foi destacada como espécie de espiã para o Brasil. Na Alemanha, ela teve a filha do casal, Anita Leocadia Prestes, e morreu em um campo de concentração nazista²⁸.

28 NEVES, Daniel. Segunda Guerra Mundial. Brasil Escola, s/d.

O Brasil, mesmo tendo setores no governo abertamente favoráveis ao regime nazista, acabou cedendo à pressão dos EUA e encerrando seu período de neutralidade, posicionando-se ao lado dos Aliados (que também contavam com Inglaterra e URSS) contra as forças do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Mas isso apenas aconteceu no ano de 1942, quando o Brasil rompeu relações diplomáticas com Hitler e governos que o apoiavam. E é bom lembrar que até 1937, o Brasil mantinha relações cordiais com a Alemanha, condição que foi rompida no ano seguinte. Com essa nova posição do Brasil, 19 navios de passageiros e de carga brasileiros foram atacados na costa brasileira pelas forças alemãs, o que acabou causando 500 mortes de civis. Segundo o Sargento Lopes, homem de estatura mediana, cabelos grisalhos, bom de conversa, e é um dos responsáveis pela Antiga 7ª Circunscrição de Serviço Militar em Goiânia, afirma que muitos fuzileiros navais da Marinha que estavam à frente da proteção das embarcações ficaram responsáveis por defender os mares do país, acabaram sendo atingidos nos ataques dos submarinos de Hitler. Atrás dessa primeira cobertura, existia uma segunda frente de proteção, a qual, quando foi alistado para integrar as Forças Armadas brasileiras, meu avô Procópio foi colocado em um navio ancorado na costa de Iguape (SP) a bordo

do navio Almirante, assim como seus outros colegas militares, a postos caso fosse necessário um ataque²⁹.

Mas voltando para a explicação da entrada do Brasil na Segunda Guerra, Getúlio Vargas firmou um acordo com o então presidente norte-americano, Franklin Roosevelt, para que o país entrasse no confronto. Roosevelt modernizaria, em contrapartida, as Forças Armadas brasileiras e concederia um empréstimo para construir uma usina siderúrgica no país. Atualmente essa unidade é a Companhia Siderúrgica Nacional, localizada em Volta Redonda, Rio de Janeiro. Em troca, o Brasil cedia um terreno no Rio Grande do Norte para os americanos instalarem uma base militar, local hoje chamado de Barreira do Inferno. Essa região tinha o objetivo de ser o local de decolagem dos aviões que iriam para o norte da África combater unidades, sobretudo da Itália de Mussolini, que ficou conhecida na época como o Trampolim da Vitória.

De maneira geral, a participação do Brasil se deve às pracinhas (diminutivo de praça, que possui o mesmo significado de soldado). O que se sabe é que o primeiro grupo de militares brasileiros chegou a Itália em julho de 1944, mas antes mesmo disso, eles já estavam nas fronteiras do Brasil, protegendo as fron-

29 NEVES, Daniel. Brasil na Segunda Guerra Mundial. Mundo Educação, s/d.

teiras do país e em treinamento caso fosse necessária uma participação no embate. No entanto, o Exército brasileiro contava com um pequeno contingente e foi necessário convocar recrutas e reservistas, como médicos, enfermeiras e advogados. O Brasil enviou cerca de 25 mil homens da Força Expedicionária Brasileira, 42 pilotos e 400 homens de apoio da Força Aérea Brasileira (FAB). De forma geral, o contingente brasileiro estava dividido em oito unidades: 1º Regimento de Infantaria, do Rio de Janeiro; 6º Regimento de Infantaria, de Caçapava, São Paulo; 11º Regimento de Infantaria, de São João Del Rei, Minas Gerais; Quatro grupos de artilharia; 9º Batalhão de Engenharia, em Aquidauana, Mato Grosso do Sul; 1º Esquadrão de Reconhecimento; 1º Batalhão de Saúde; tropas especiais e 67 enfermarias³⁰.

Apesar da pouca preparação dos pracinhas, os soldados alemães estavam em posições de defesa e equipados de metralhadoras potentes. Com o decreto que formava a FEB (Força Expedicionária Brasileira), assinado em 09 de agosto de 1943, o Exército brasileiro foi reequipado e passou por novo treinamento com os soldados americanos na Itália. Eles foram lançados novamente à batalha. Já em setembro de 1944, os sol-

30 BEZERRA, Juliana. O Brasil na Segunda Guerra Mundial. Toda Matéria, 2019

dados brasileiros tomaram Camaiore e Monte Prano, localidades italianas. E por volta do início de 1945 foram fundamentais na conquista de Monte Castello, Castelnuovo, Montese e Fornovo di Taro, na linha de frente das batalhas entre Aliados e tropas do Eixo.

Ao final da guerra, a atuação havia resultado em 454 soldados brasileiros mortos em combate. Os corpos desses soldados permaneceram no cemitério de Pistoia, na Itália, até 1960. Mas em outubro daquele ano, os restos mortais foram transferidos para o Monumento Nacional dos Mortos na Segunda Guerra Mundial, localizado no Rio de Janeiro. Já no final do confronto e com a ocupação Aliada de determinadas partes da Europa, o Exército brasileiro recebeu o convite para auxiliar na ocupação da Áustria, porém o Comando Militar do Brasil rejeitou a proposta. Dessa forma, as Forças Armadas finalizaram sua participação na Segunda Guerra Mundial, depois de sete meses.

Meu avô na guerra

Procópio Silva Leão, meu avô, no ano de 1942 foi convocado para servir o exército durante a Segunda Guerra Mundial. Segundo meu pai, Luiz Carlos Leão, meu avô contava que a vovó Fia sofreu muito quando ele foi convocado, e que até chegou a adoecer, por saber que seu filho poderia não voltar vivo da guerra, ficando com aquele aperto no coração. Apesar dela não querer o filho nesse tenebroso embate, até onde conta minha tia, seu marido queria que o filho seguisse carreira militar no pós-guerra, mas não sabemos, de fato, se de início ele apoiava essa ideia. Mas de qualquer forma, já adiantando um pouco a história, meu avô não se simpatizou em seguir na área militar e logo após o fim do confronto, deixou de lado essa vontade do pai.

Procópio foi o único dos irmãos e da família toda a ser convocado para a guerra, e mesmo sendo um homem falante e bom de bater papo, não contava muito de como foi esse período, então pouco se sabe, mas de acordo com registros ele foi convocado no ano de 1942 em um batalhão na cidade de Ipameri, que era a maior base militar do estado naquele período.

Durante esses dois anos que Procópio ficou na fronteira de Iguape, vivenciou inúmeras situações e fez grandes amizades, que se mantiveram vivas durante muitos anos. Apesar de não ter chegado de fato no confronto, parte de seu batalhão partiu para a Europa. Procópio vivenciou um treinamento intensivo, juntamente com seus amigos Antônio Leitão Filho (Leitão), Geraldo Ferreira, Geraldo Moraes, Jamil Naimé, José Dário (Darico), Elias Tomé e Manoel Agapito. Seus colegas e companheiros de jornada, com exceção do Senhor Manoel Agapito, já faleceram e não podem dar seus próprios testemunhos. Meu avô faleceu no ano de 2006, com 88 anos, e eu tinha apenas 6 anos, então tenho poucas memórias dele. Mas o pouco que me lembro é que era um homem alto, barrigudo e engraçado. Quando pergunto sobre ele, escuto histórias parecidas. Dizem que era um homem de bem com a vida, com um coração grande e muito justo. É até difícil descrever seu Procópio, porque sempre que per-

gunto sobre como ele era, só ouço longos elogios.

Mesmo acreditando que ele era um homem alto, nos registros feitos pelo Exército, ele tinha apenas 1,68 de altura, que atualmente seria até mais baixo do que eu. Nas fotos que encontrei deste período, ele não me parecia um homem baixo, o que para mim conflitua com os registros do Exército.



Certificado de Reservista de 1º categoria de Procópio Silva Leão. O documento possui as características físicas de Procópio.

Em uma visita a 7ª Circunscrição de Serviço Militar (7º CSM), em Goiânia, tomei conhecimento de alguns detalhes sobre a participação dos militares brasileiros na Segunda Guerra Mundial. Em conversa informal com o Sargento Lopes, ele afirmou que não existem muitos registros do meu avô aqui em Goiânia. Deduzi, então, que seus registros estariam no Batalhão no qual ele havia se alistado, na cidade de Ipameri. No entanto, as coisas não são bem assim. Provavelmente sua documentação de ex-combatente se encontra no 41º Batalhão de Infantaria Motorizado, que se localiza na cidade de Jataí. De acordo com ele, os militares que se alistaram no Batalhão de Ipameri tiveram seus registros levados para lá. Durante minha visita à cidade de Cumari, passei pela cidade de Ipameri e tentei entrar no local, para conseguir tirar algumas fotos, mas alegaram que estava acontecendo uma formatura e os soldados da porta não nos deixaram passar do primeiro portão. Disseram para tentar mais tarde, não dando a certeza de nada. Infelizmente não podia esperar, tinha que seguir para a cidade de Cumari.

Sargento Lopes me informou também, que meu avô é considerado um ex-combatente de litoral, e é aí que você se pergunta: o que é isso? E eu te respondo. Ex-combatentes de litoral são militares que foram

convocados para a Segunda Guerra Mundial e não seguiram para a Itália, para combater a tropas nazistas, mas ficaram responsáveis por cuidar da segurança do litoral do país.

Mas afinal, você sabe o que de fato é um ex-combatente de guerra? Veja o que diz a Constituição Federal: “Art 1º Considera-se ex-combatente, para efeito da aplicação do artigo 178 da Constituição do Brasil, todo aquele que tenha participado efetivamente de operações bélicas, na Segunda Guerra Mundial, como integrante da Força do Exército, da Força Expedicionária Brasileira, da Força Aérea Brasileira, da Marinha de Guerra e da Marinha Mercante, e que, no caso de militar, haja sido licenciado do serviço ativo e com isso retornado à vida civil definitivamente.” E em específico o ex-combatente de litoral “é aquele que participou de missões de segurança na costa brasileira, ilha de Fernando de Noronha ou transportado (a) em navios escoltados por navios de guerra”³¹.

31 BRASIL, s/d.



Procópio está sentado no meio dos dois homens com um caderno em mãos. Na parte de trás: "Lembrança de três amigos Rosalvo Anísio Procópio. São Paulo 14 - 7 - 1941. Hº B. 6."



Procópio (segundo da direita para a esquerda) com colegas do exército brasileiro. Na parte de trás: "São Paulo 8 Agosto de 1941".

Em sua maioria, os militares da região Centro-Oeste seguiram para a Europa, no entanto alguns batalhões se mantiveram no litoral, juntamente com a maioria dos batalhões que se localizavam na região Sudeste do país. Metade do batalhão o qual meu avô pertencia seguiu para o combate, mas outra ficou na costa brasileira. Agora a respeito de quem ia e quem ficava, não se tem um motivo ao certo para explicar essa divisão, apenas que possivelmente, no primeiro momento, era aberto para voluntários. Sargento Lopes deixou claro que não existia nenhum tipo de distinção de quem ia ou não nessa hora “H”.



Procópio (segundo da direita para a esquerda) com os companheiros no quartel. Na parte de trás da foto está escrito: “Recordação dos amigos - São Paulo - 8 de Agosto 1941”.



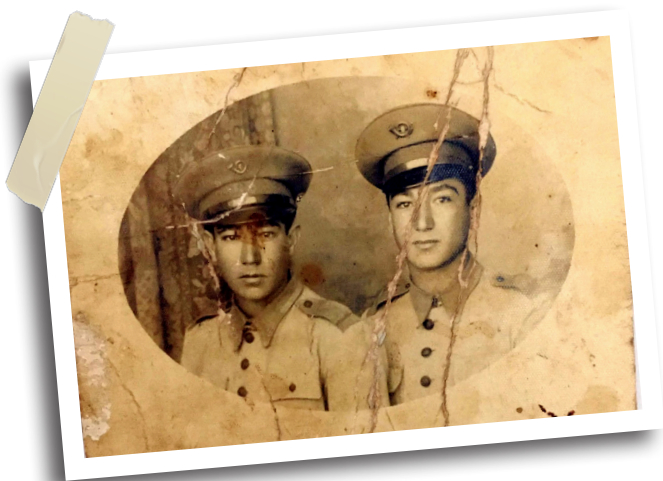
Na primeira foto:
Procópio da direita
para a esquerda
com colegas de
quartel. Na segunda
foto: Procópio com
equipamentos - foto
rasgada ao meio.
Na terceira foto:
Procópio (primeiro
da direita para a
esquerda), e os
companheiros de
exército.



Na primeira foto:
Procópio com
companheiro de
quartel. Na segunda
foto: Procópio
(da esquerda para
a direita é o
segundo), e colegas
de quartel sentados
em uma escada. Na
terceira foto:
Procópio (o da
esquerda) e colega
de exército.



Procópio aos 23 anos fardado com o uniforme militar. Na parte de trás: "Tunico, ofereço- te esta fotografia por lembrança do soldado nº 837 - Procópio Silva - Ipameri 20 - 1 - 1941"



Procópio à direita e seu irmão Toim à esquerda. O irmão de Procópio foi dispensado do exército.



Na primeira foto: Soldados do exército brasileiro próximo à fronteira de Iguape. Procópio (quarto da esquerda para a direita) com os colegas de quartel. Na segunda foto: Procópio (quinto da esquerda para a direita) e colegas de quartel.



Procópio (segundo da esquerda para a direita) com colegas de exército. Na parte de trás: "Lembrança do dia 20 de Julho de 1941 dos amigos Anísio Filemam Alonso Procópio".



Procópio com o amigo,
Jamil Naime. Na parte
de trás "Lembranças de
seu primo".

Mesmo não seguindo para o campo de batalha, Procópio ficou tempo suficiente no Exército para contar suas próprias histórias. Apesar de comer de tudo, não suportava repolho e tinha o costume de sempre acordar bem cedo. Com tantos anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial, é praticamente impossível se deparar com algum ex-combatente ou sobrevivente daquele período. O senhor Manoel Agapito é o único amigo e conterrâneo de meu avô ainda vivo. Nascido no ano de 1921, seu Manoel, quando nos concedeu entrevista, estava a poucos meses de completar 100 anos de idade. Eu o conheci em agosto de 2021 e foi uma das experiências mais incríveis de toda a minha vida, tanto por ter tido o prazer de conhecer um veterano de guerra, como um homem que alcança uma idade tão avançada completamente lúcido, ainda capaz de contar boas histórias. Quando o vi, a vontade que tive foi de dar um abraço e ficar horas e horas conversando e o escutando. Mas infelizmente estamos passando por um momento muito delicado no mundo com a pandemia da Covid-19 e isso não foi possível. Confesso que tive até medo dele não me receber, mas felizmente deu tudo certo e pude bater um papo bastante produtivo com esse senhor incrível. A conversa aconteceu obedecendo todos os cuidados sanitários necessários, como o uso de máscara, dis-

tanciamento e tendo as pessoas envolvidas já tomado vacinas contra a Covid-19.

Ele é um homem lúcido, um pouco mais baixo que eu (tenho 1,72 de altura), pele branca, olhos pequenos, um pouco risonho e um verdadeiro piadista. Sabe tirar um sorriso de todos em qualquer situação. No dia que o conheci, usava um relógio prata comum em seu braço esquerdo, uma camisa de cor bege, cinto marrom muito bem afivelado com uma calça num tom esverdeado com pequenas listras.



Na primeira foto: homenagem que ganhou do Batalhão local por ser ex-combatente de guerra. Na segunda foto: fotos que Manoel Agapito guarda do período.



Manoel Agapito com medalhas, e boina que usou durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando entrei na sua casa acompanhada de minha mãe, ele estava no quarto de porta aberta, com o livrinho de oração nas mãos. Segundo a família, todos os dias, após tomar o café da manhã, ele tira um momento do dia para fazer suas orações. E pasmem, Manoel Agapito não usa óculos. Não estou falando que ele esbanja saúde e disposição?

“Agapito”, como muitos o chamam na cidade de Cumari, foi vizinho de porta de Procópio durante muitos anos, logo após meu avô se casar com a minha avó. Ele conta que conheceu Procópio em Ipa-meri, quando foi se alistar no Exército, mas que ambos não chegaram a conviver direito neste período e acabaram seguindo caminhos diferentes. Segundo ele, Procópio foi um homem que “não achava outro igual”. Estava o tempo todo rindo e de bem com a vida. Agapito diz que no primeiro momento todos foram convocados para se alistar no Exército de Ipa-meri, e daí seguiram para São Paulo, que foi onde receberam a farda e realizaram um treinamento intensivo de Cabo. Em seguida, retornaram para a cidade goiana, para tomarem suas respectivas designações. Daí eles voltaram para as terras paulistas, onde foram parar no 1º Batalhão de Trabalhadores da Sede, acredito que seja na em alguma cidade do litoral de São Paulo. Sim, ele se lembra perfeitamente do nome

do Batalhão! Nesse local iniciaram outro treinamento de preparação.

Segundo Agapito, o pessoal que saiu de Goiás esteve entre os últimos a serem chamados para a Itália, para combater as tropas nazistas. E isso realmente é verdade, pois como foi descrito, a região Centro-Oeste foi a última a ser convocada. Ele conta que o navio em que ele e meu avô estavam se chamava “Aspirante Nascimento”. Lá, ficavam de prontidão no litoral, para, caso fosse preciso, rumarem para a Itália. Mas não foi preciso! E mesmo assim, o navio que ambos embarcaram possui tanta história que você nem poderia imaginar!

De acordo com registros, o Aspirante Nascimento fez parte de uma companhia brasileira de navios, assim como o Lloyd e a Costeira. Essa firma ficou responsável durante muitos anos por percorrer os portos nacionais conduzindo passageiros e cargas, incluindo imigrantes. Um deles foi originalmente construído em 1905 para a armadora alemã Hamburg-Sud e chamou-se *Vênus*, exercendo atividades para uma afiliada no Brasil, a Companhia de Navegação Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro. Já por volta de 1916, o navio foi comprado pelo Lloyd, que o rebatizou como *Oyapock*, navegando até 1924. Neste mesmo ano foi cedido a Marinha do Brasil, recebendo o nome de *Aspiran-*

te Nascimento, em homenagem ao aspirante Joaquim Cândido do Nascimento, morto em combate na Guerra do Paraguai. Ele foi devolvido com o mesmo nome ao Lloyd em 1926, com 916 toneladas e capacidade para transportar 66 passageiros de primeira classe e 32 de segunda. A embarcação permaneceu em atividade até 1944, ano em que foi novamente cedido a Marinha para se transformar em navio-auxiliar a serviço da Diretoria de Hidrografia e Navegação e deu baixa em 1953.



Navio "Aspirante Nascimento". Na parte de trás: "Lembrança de uma viagem Marítima e desembarque em Iguape em 18 de Fevereiro de 1943" Procópio Silva Leão".



Navio Aspirante Nascimento. Na parte de trás: Lembrança de nossa viagem Marítima de Santo para Iguape. Procópio Silva Leão”.

Agapito recorda que quando iam de fato partir para a Europa, chegou um comunicado que a guerra havia acabado e não havia mais necessidade de envio de tropas. É nítido no olhar deste ex-combatente o orgulho que sente de ter sido um dos convocados. O mais incrível é que após conversar com ele, foi possível descobrir o porquê do meu avô não ter ido

para combate na Itália. De acordo com Manoel Agapito, existiam diversos tipos de comandantes, desde os mais tranquilos e sorridentes, até os famosos “casca grossa”. Procópio teve a grande sorte de ter conquistado a simpatia de um deles, e de acordo com Agapito, o comandante não deixava meu avô partir e sempre dava um “jeitinho” para que Procópio não fosse chamado. Ao contar essa história, ele lembrou de algumas coisas. Ele disse que meu avô contava que quando vinham com a lista para chamar novos nomes para partir, o comandante Fleury (que foi um verdadeiro amigo de Procópio não só durante a guerra, mas durante toda a vida) mandava seu subordinado fazer alguma atividade como ficar de prontidão na fronteira de Iguape, tomar um banho no riacho próximo ou cuidar do seu filho. O Comandante Fleury só deixava Procópio retornar após a lista dos convocados para o embate do dia já ter passado.

Agapito também relatou ainda que ele chamou o amigo para fazer uma espécie de missão em um local próximo, mas o comandante Fleury não deixava Procópio sair. Fiquei sabendo que após a guerra, Procópio e Fleury ainda se encontravam e se tornaram grandes amigos. Sempre que pergunto sobre esse comandante ao meu pai ou perguntava a minha avó, escuto coisas positivas e que ele ajudou bastante meu avô e sua família.



Procópio e Manoel com os companheiros de quartel. Procópio (terceiro da esquerda para a direita) e Manoel (ao lado esquerdo de Procópio).

Mesmo com o passar dos anos e com o avanço da idade, Agapito mantém a lembrança da comida que era servida no Exército. Ele diz que detesta repolho até hoje e só de ouvir ou falar do legume, faz um show de caretas. Não é só do repolho que ele se recorda, não. Agapito conta que o arroz era servido de uma só vez, jogado no prato e que também não gostava de abóbora. Também era servida carne, mas em formato de bife e apenas um pedaço. Ele descreve que próximo dos lugares onde se alimentavam, sempre havia meninos de rua esperando-os terminar a refeição para ficarem com as sobras.

Para dormir, eles dispunham de colchões comuns e não de palha, como aqueles em que dormiam em Cumari. Segundo ele, alguns eram melhores, outros piores. Agapito, Procópio e muitos militares brasileiros ficaram responsáveis pela vigilância do litoral brasileiro e ele conta que era um local bastante tranquilo, mais calmo até que o período de treinamento. Como ele mesmo brinca, “era o repouso”.

Segundo registros da 7ªCSM, infelizmente não há mais nenhum ex-combatente do litoral vivo em Goiânia. Já os que realmente enfrentaram o embate, dois estão vivos. E um deles já alcança seus 98 anos de vida.

Apesar de o meu avô ser chamado de “ex-combatente de litoral”, o que o diferencia dos que realmente vivenciaram o confronto frente a frente, é apenas uma definição específica para o Exército, pois todos são considerados ex-combatentes de guerra e possuem o mesmo tipo de tratamento. E falando nisso, há uma coisa curiosa que é válido mencionar. Uma das muitas formas de solenidade existentes para homenagear esses homens me chamou a atenção. Quando um ex-combatente entra em um batalhão, é tocada uma rápida sinfonia em trompete para anunciar sua chegada para todos. E com meu avô não era diferente. Quando Procópio Silva Leão, colocava os pés na 7ª Circunscrição de Serviço Militar em Goiânia, logo começava um

toque solene para anunciar sua chegada. Essa forma de homenagear preparada pelo batalhão é uma maneira de mostrar que um ex-combatente pisava no recinto e chamar a atenção para o dever dar a ele, um tratamento especial.

O toque se estendia para viúvas de ex-combatentes, dando o direito também às esposas dos mesmos, que recebem o famoso soar de trompetes assim que ingressam no batalhão. E com a minha avó não era diferente. Sempre que ia a 7ª Circunscrição de Serviço Militar, em Goiânia, um soar musical iniciava quando ela pisava no local.

Além disso, a família do militar, após seu falecimento, pode solicitar que toque o som do silêncio em sua despedida, homenagem a que meu avô também teve direito. Após o seu falecimento, um representante do Exército brasileiro entoou o Toque do Silêncio. No entanto, este livro foi escrito no período da pandemia de Covid-19 e por conta disso algumas restrições passaram a ser adotadas e essa singela homenagem aos militares que já não estão mais entre nós está suspensa temporariamente.

Mesmo com essa diferença de denominação, todos os militares que foram convocados, tiveram o mesmo tratamento e ficaram a postos caso fosse necessário também entrar em ação. Procópio pertenceu

ao 23º Batalhão de Caçadores localizado na cidade de Ipameri. E como você pode ver, cada Batalhão no Brasil possui uma distinção e descrição diferente. O 23º, por exemplo, que foi o que meu avô se alistou, tem o símbolo de um trompete na boina, o que explica o pequeno objeto que meu avô manteve guardado todos esses anos.

No 41º Batalhão, que é o de Jataí, onde possivelmente se encontram os registros do meu avô, o símbolo é formado por duas espingardas e o trompete ao centro. E é assim por todo o Brasil. Cada Batalhão possui uma história e um estilo diferente, que se mantêm desde sua criação.

A origem do 23º BC remete a 1889, o ano da Proclamação da República, quando foi criado o 36º Batalhão de Infantaria em Manaus, no Amazonas. Por volta de 1908, o 36º BI passou a denominar-se o 46º Batalhão de Caçadores. Já em 1915, foi transferido para Fortaleza, ocupando a “Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção”, prédio onde hoje está o comando da 10ª Região Militar.

Alguns anos depois, por volta de 1919, o 46º BC recebeu a denominação de 23º Batalhão de Caçadores, que se mantêm até os dias atuais. Em meados da Segunda Guerra Mundial, em 1941, passou a ocupar as instalações do aquartelamento na Av. 13 de Maio, em

Ipameri, no interior goiano. E em 1980, recebeu a denominação histórica de “Batalhão Marechal Castello Branco”, em homenagem ao chefe militar, Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, mais conhecido por Castello Branco. O Marechal se tornou tenente-coronel e integrou o primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB), cuja seção de operações do Estado-Maior chefiou entre 1944 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália. Em 1958, foi promovido a general e foi o primeiro militar a assumir a Presidência da República do Brasil durante o período intitulado de Ditadura Militar. Castello Branco tornou-se presidente do país no dia 15 de abril de 1964, poucos dias depois do Golpe de 1964, que foi um movimento que articulou grupos nos meios militares e civis e acabou na deposição do então presidente João Goulart.

Nesse período, o Brasil passou por intensos momentos de repressão e censura, além de ter sido marcado por uma série de Atos Institucionais, que tinham a função de acentuar o poderio dos governos militares a partir do fortalecimento do Executivo, principalmente do Presidente. Antes mesmo de Castello Branco assumir o poder, foi instituído o Ato Institucional (AI) número 1, que tinha como objetivo justificar e legitimar o movimento golpista que havia deposto o presi-

dente João Goulart. Além disso, esse Ato Institucional assentava as bases para a repressão dos governos militares.

Já durante o governo de Castelo Branco foram promulgados três Atos Institucionais. Com o advento do AI-2, o Executivo teve seus poderes reforçados e foi determinado que a escolha do presidente passaria a acontecer de forma indireta. Já o AI-3, que foi decretado em fevereiro de 1966, estipulou no país um sistema bipartidário e extinguiu os partidos políticos, criando dois novos: a Aliança Renovadora Nacional (Arena), que era o partido de apoio ao regime, e o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), entendido como a oposição consentida. O último Ato Institucional criado no governo de Castelo Branco foi o AI-4, que decretou a redação de uma nova Constituição para o Brasil. Essa nova Carta Magna ficou pronta em janeiro de 1967, mas apenas entrou em vigor em março, já no governo de Artur Costa e Silva. Castelo Branco deixou o poder para seu sucessor em 15 de março de 1967 e três dias depois faleceu por conta de um acidente aéreo.

No ano de 1987, o 23º BC recebeu o seu Estandarte Histórico, que tem como principais descrições heráldicas: o distintivo da arma de Infantaria, representado por dois fuzis cruzados e uma granada de ouro; uma murada de fortificações em prata, representando a

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, antiga sede do 23º BC; uma trompa de Caçador, tendo ao centro o número 36; sua unidade de origem; e, envolvendo o escudo, a denominação histórica “Batalhão Marechal Castello Branco”.

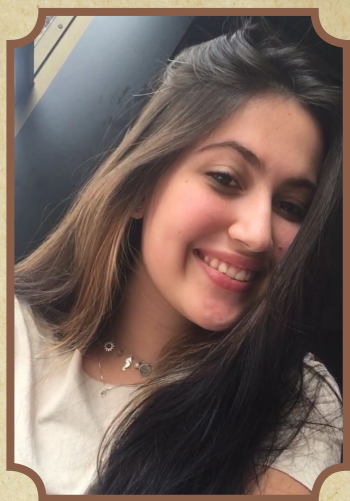
Seu brado de guerra é caçador, sintetizando a destreza e eficiência no cumprimento de sua missão. O 23º BC é uma das mais tradicionais Unidades Operacionais do Exército. E esse símbolo não pode ser trocado, pois é considerado como forma de honraria. Realmente, quanta formalidade!

É, pode-se dizer que Procópio e Manoel, mesmo com rumos distintos, trilharam caminhos que se cruzaram! E conhecer um companheiro de guerra de meu avô, de certa forma me fez descobrir um pedacinho dele que eu desconhecia. E assim como ouvir a minha avó falando de seu amado, seu Manoel Agapito deixou meu coração quentinho com suas histórias. Este trabalho se dispõe a homenagear Procópio Silva Leão, meu avô, e confesso que assim que decidi escrever este livro-reportagem, tinha um conhecimento prévio da vida dele, só que de uma forma mais distante. Após as buscas, pesquisas e de todo o processo de investigação dos detalhes de sua trajetória, passei a enxergá-lo muito melhor e de forma mais próxima a mim.

Mesmo ele não estando mais entre nós para poder ler o livro, acredito que cada personagem que fez parte desta escrita descreveu-o do seu jeitinho, trouxe à tona memórias que poderiam já ter sido esquecidas e isso com toda certeza não tem preço. Ouvir todas as histórias, tantas memórias, fez-me sentir como se estivesse naqueles tempos passados, como se eu estivesse vivendo cada situação que foi descrita, desde as mais trágicas até as mais engraçadas. Posso dizer que minha visão sobre ele foi incrementada e a cada descoberta me deu um entusiasmo diferente.

Ao fim deste livro, posso concluir que foi uma verdadeira aventura para mim mergulhar nessa história e conhecer um pouquinho mais de quem foi Seu Procópio, meu avô.

Este livro foi composto em Veteran
Typewriter para títulos, Courier Prime
para subtítulos e Book Antiqua para texto.
Produzido em novembro de 2021.



Sobre a autora

Sarah Gandra é formada em Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de Goiás no ano de 2021/2. Ela sempre foi apaixonada por História e acabou ingressando também na licenciatura. Nos últimos três anos conciliou os dois cursos e há um ano faz estágio em TV, uma das áreas que mais gosta no Jornalismo. Seu amor por História e a curiosidade de uma típica jornalista deu o pontapé inicial para a escrita desta obra. Estreou na literatura com "Memórias de uma vida - Procópio Silva Leão", onde teve a oportunidade de contar um pouco sobre a história de vida de seus avós.